



- 3 Mensagem da Primeira Presidência: Meu Testemunho de Jesus Cristo Pres. Marion G. Romney
- 7 O Mundo do Novo Testamento
O Dinheiro do Novo Testamento
- 9 De Malaquias a Mateus, a Época Entre os Dois Testamentos Edward J. Brandt
- 10 As Influências Greco-Romanas Sobre a Terra Santa T. Edgar Lyon
- 13 A Vida Cotidiana na Palestina Edward J. Brandt
- 15 A Árvore da Felicidade, Parte II Eva Gregory de Pimenta
- 18 Só Para Divertir Iris Syndergaard
- 20 Paredes Reluzentes Iris Syndergaard
- 23 A Harmonia Entre os Quatro Evangelhos Iris Syndergaard
- 30 Uma Cronologia da Vida de Cristo ..
Suplemento
Seu Companheiro de Estudo
Formulário de Subscrição de Um Ano
Marcador de Livros do
Novo Testamento

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNACIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
José G. F. da Silva, Editor Nacional
Francisco J. P. Souza,
Bruno Reback, Fotógrafos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B. n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubí n.º 331, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontaneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

CAPA: Os quadros originais do pintor Carl Heinrich Bloch, *A Mulher no Poço de Samaria* e *A Transfiguração*, que ilustram nossa capa e contra-capa encontram-se no Castelo Fredricksborg, Hillerød, Dinamarca. Foram reproduzidos por cortesia do Museu Nacional de História de Fredricksborg.

CARTA DOS EDITORES

Este número especial do Novo Testamento é baseado nos Quatro Evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas e João — e dimensionará seus estudos do curso de Doutrina do Evangelho de 1976/77, da Escola Dominical. Durante o ano, artigos adicionais sobre o Novo Testamento serão publicados nesta revista.

Este número de setembro d'A Liahona apresenta-lhes a nova e agradável aparência que terá sua revista. Haverá menos páginas em cada exemplar, mas o novo formato do interior da revista permitir-nos-á encaixar mais material em cada página e mais artigos pelo número de páginas em cada número. Esperamos que gostem da mudança.

"Mas, por que haverá menos páginas?" perguntarão vocês. Bem, no passado, reservamos cerca de dezesseis páginas de cada número para os discursos das conferências gerais. Os discursos de cada conferência eram distribuídos por seis números.

Temos o prazer de anunciar agora que, a partir do próximo ano (1976), vocês receberão um grande exemplar da conferência duas vezes por ano, contendo todos os discursos da conferência geral. Em outras palavras, vocês terão o registro de toda a conferência geral em um só número. Para que possamos produzir os exemplares maiores das conferências, pedimos emprestadas páginas dos outros números. Durante o ano completo, vocês receberão a mesma quantidade de revista pelo preço da assinatura.

Nas áreas em que são realizadas conferências gerais, um número contendo os discursos da conferência de área substituirá um exemplar da conferência geral. Forneceremos, então, aos santos daquelas áreas, os discursos da Primeira Presidência e um sumário dos outros discursos da conferência geral.

A Liahona continuará tendo muitas das características às quais você está acostumado, tais como Mensagens da Primeira Presidência, artigos e histórias de destaque, uma seção infantil de oito páginas, artigos para a juventude e quatro páginas de notícias locais, assim como outros artigos oportunos.

Queremos fazer com que esta seja a sua revista. Por favor, continuem a enviar suas idéias e artigos, visto que seus irmãos e irmãs de todo o mundo se edificam através do seu testemunho.

Encorajamo-os a falar aos seus amigos a respeito dos novos números referentes às conferências e sobre este exemplar a respeito do Novo Testamento. Estamos certos de que eles não queriam perder estes e todos os outros números vindouros.

Meu Testemunho de Jesus Crísto

Marion G. Romney

2.º Conselheiro da Primeira Presidência

Embora tenha prestado meu testemunho de Jesus Cristo freqüente e recentemente, estou feliz por repeti-lo. Meu chamado e meu desejo é continuar prestando um convincente testemunho dele. Se fosse possível, eu o prestaria a todos os homens.

A palavra "Jesus" é o nome dado à "Criança de Belém". Quando cresceu, foi conhecido como "Jesus de Nazaré".



A palavra "Cristo" tanto é um sobrenome como um título. Atribui-lo a Jesus de Nazaré implica no cumprimento, Nele, das profecias messiânicas do Velho Testamento. O Dr. James E. Talmage usou a frase neste sentido quando intitulou seu livro de **Jesus, o Cristo**.

Não me posso lembrar de ocasião ou circunstância alguma na qual tenha tido a menor dúvida ou incerteza quanto a Jesus de Nazaré ser "O Cristo", o Filho do Pai tanto em espírito como na carne, o Salvador do mundo.

Existem nas Escrituras muitos acontecimentos narrados e expressões emitidas a seu respeito que confirmam em mim esta convicção. Todas as vezes que penso nelas minha compreensão de seu significado e de sua divindade aumentam.

O mais antigo acontecimento específico relativo a Jesus de que temos registro sucedeu no grande conselho dos céus onde o Pai apresentou o plano do Evangelho para as hostes espirituais.

Depois de explicar o plano, que incluía a necessidade de um Redentor, o Pai disse:

"... A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me..." (Abraão 3:27.)

O falecido apóstolo Orson F. Whitney parafraseou o relato do que sucedeu naquela ocasião, da seguinte forma:

Os Deuses se assentaram em conselho solene...

Foi uma hora amarga

Sobre a qual nos seria extremamente benéfico pensar
Quando o destino do mundo, ainda não criado
Seria avaliado e determinado.

Ali, o silêncio tinha seu próprio encantamento, e ali
Levantou-se um homem de envergadura

[— de poder sublime]

Entre aqueles reis e sacerdotes. Entre eles,
Nenhum era maior do que ele.

Sua estatura mesclava a força com a graça,
Era de um porte dócil, contudo divino;
A glória do seu semblante
Brilhava mais do que o sol do meio-dia...
Ele falou e todos lhe deram atenção,
A quietude tornou-se ainda mais profunda.

"Pai!" disse ele, pairando sua voz como
Música: "Pai, visto que alguém precisa morrer
Para redimir teus filhos da mortalidade nas
Terras que ainda estão vazias e sem forma,
Mas serão cheias de vida palpitante;
"E desde que o poderoso Miguel (Adão) deve primeiro
Cair para que a humanidade possa vir à terra,

E visto que tens que escolher e enviar um salvador,
Eis-me aqui — envia-me!

Não peço recompensa

Exceto aquilo que seria meu como

Consequência. Deixa-me fazer um sacrifício voluntário
E dar a ti a glória eterna!..."

(O. F. Whitney, "Elias, an Epic of the Ages",
Salt Lake City, 1914, p. 17 — Tradução livre.)

Outro relato que aumentou meu entendimento a respeito de Jesus como uma pessoa pré-mortal refere-se à sua aparição ao irmão de Jared no Monte Shelem. Para mim, este é um dos acontecimentos mais dramáticos registrados na história sagrada.

Vocês devem lembrar-se de que o irmão de Jared, respondendo à pergunta do Senhor: "... Que desejais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos?..." (Êter 2:23), "... tirou de uma rocha dezesseis pedrinhas brancas... e, levando-as em suas mãos ao cimo do monte, clamou novamente ao Senhor, dizendo:

"... toca nestas pedras e prapara-as para que brilhem na escuridão ... que possamos ter luz enquanto cruzamos o mar." (Êter 3:1-4.)

Tão grande era sua fé, que "... o Senhor estendeu sua mão e tocou nas pedras, uma por uma, com seu dedo. E o véu foi tirado dos olhos do irmão de Jared, que viu o dedo do Senhor; e este era como o dedo de um homem..." (Êter 3:6.)

Mais tarde, o Senhor mostrou-se ao irmão de Jared e disse:

"Eis que Sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir Meu povo. Eis que Sou Jesus Cristo, Sou o Pai e o Filho. Em Mim terá luz a humanidade, eternamente, todos aqueles que crerem em Meu nome; e esses se tornarão Meus filhos e Minhas filhas.

"... Vês que foste criado segundo Minha própria imagem? Sim, todos os homens foram criados, no começo, à Minha própria imagem.

"E eis que este corpo que agora vês é o corpo do Meu espírito; e o homem foi por Mim criado segundo o corpo do Meu espírito; e assim como te apareço em espírito, aparecerei a Meu povo na carne." (Êter 3:14-16.)

Um terceiro acontecimento impressionante que menciona Jesus como um espírito pré-mortal foi seu anúncio a Néfi, relativo ao seu advento na mortalidade.

Em cerca de 6 A.C., Samuel, o Lamanita, profetizou que na época do nascimento de Jesus haveria um dia, uma noite e outro dia sem trevas. Os descrentes disseram que o tempo designado para o sinal havia passado e fizeram planos para matar os crentes.

Quando Néfi, o neto de Helamã, "... viu essa maldade em seu povo, seu coração se afligiu extremamente.

"E... saiu, prostrou-se por terra e clamou ferrosamente a seu Deus em favor do povo, sim, o qual se achava prestes a ser destruído, em virtude de sua fé na tradição de seus pais.

"E aconteceu que clamou fortemente ao Senhor todo o dia; e eis que a voz do Senhor veio a ele, dizendo:

"Levanta a cabeça e tem bom ânimo; pois eis que o tempo é chegado e esta noite o sinal será dado, e amanhã Eu virei ao mundo...

"E aconteceu que as palavras chegadas a Néfi foram cumpridas, em conformidade com o que lhe tinha sido comunicado; pois eis que, ao pôr do sol não veio a escuridão..." (3 Néfi 1:10-13, 15.)

Esta ocorrência é, para mim, uma evidência tocante do cuidado e preocupação infinitos que o Salvador tem por nós mortais. Ela confirma meu testemunho de Sua divindade.

Os registros de Seu ministério mortal estão repletos de evidências persuasivas de Sua divindade.

A sabedoria por Ele demonstrada é incomparável.

Por exemplo: quando tinha apenas doze anos de idade, sua mãe, Maria, e o marido, José "... o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os.

"E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas." (Lucas 2:46-47.)

O seguinte incidente, relatado por Lucas, fornece evidência convincente da divina sabedoria de Cristo:

"... os principais sacerdotes e os escribas procuravam lançar mão dele...

"... trazendo-o debaixo do olho, mandaram espias, que se fingissem justos, para o apanharem nalguma palavra e o entregarem à jurisdição e poder do presidente.

"E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus.

"É-nos lícito dar tributo a Cesar ou não?" (Lucas 20:19-22.)

Se Jesus tivesse respondido **sim**, teria enfurecido os judeus. Se dissesse **não**, estar-se-ia opondo aos romanos.

"E, entendendo ele a sua astúcia, disse-lhes: Por que me tentais?

"Mostrai-me uma moeda. De quem tem a imagem e a inscrição?

E, respondendo eles, disseram: De César.

"Disse-lhes então: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

"E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, maravilhados pela resposta, calaram-se." (Lucas 20:23-26.)

Jesus não era apenas todo sabedoria, mas também onisciente e onipotente.

O seguinte relato ilustra sua onipotência:

"... chegando eles a Capernaum, aproximaram-se de Pedro os que cobravam as didracmas, e disseram: O vosso mestre não paga as didracmas?

"Disse ele: Sim. E, entrando em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos, ou o censo? Dos seus filhos ou dos alheios?

"Disse-lhe Pedro: Dos alheios. Disse-lhe Jesus: Logo, estão livres os filhos;



Jesus respondeu aos astuciosos fariseus: "Dai a César o que é de César..." (Marcos 12:17.)

Pintura por James Joseph Jacques Tissot.
c John H. Eggers
Publications, do Museu de Brooklyn.



Testemunho de Marcos: Cristo era o divino Salvador.

“Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir, e, abrindo-lhe a boca encontrarás um estáter; toma-o, e dá-o por mim e por ti.” (Mat. 17:24-27.)

Marcos relata esta ilustração:

“E, logo que se aproximaram de Jerusalém, de Betfagé e de Betânia, junto do Monte das Oliveiras, enviou dois dos seus discípulos.

E disse-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós; e, logo que ali entrardes, encontrareis preso um jumentinho, sobre o qual ainda não montou homem algum; soltai-o, e trazei-mo.

E, se alguém vos disser: Por que fazeis isso? dizei-lhe que o Senhor precisa dele, e logo o deixará trazer para aqui.

E foram, e encontraram o jumentinho preso fora da porta, entre dois caminhos, e o soltaram.

E alguns dos que ali estavam lhes disseram: Que fazeis, soltando o jumentinho?

Eles, porém, disseram-lhes como Jesus lhes tinha mandado; e deixaram-nos ir.” (Marcos 11:1-6.)

As evidências de sua onipotência são inumeráveis:

Ele demonstrou poder (1) sobre os elementos transformando a água em vinho (João 2:1-11), acalmando as tempestades (Mat. 8:23-27, Marcos 4:35-41, Lucas 8:22-25), e andando sobre o mar (Mat. 14:24-33, Marcos 6:47-52, João 6:16-21); (2) sobre a doença e a moléstia curando o filho do régulo (João 4:46-54), a sogra de Pedro (Mat. 8:14-15, Marcos 1:29-31, Lucas 4:38-39), e a mulher com o fluxo de sangue (Mat. 9:20-22, Marcos 5:25-34, Lucas 8:43-48); (3) sobre os espíritos imundos e malignos, expulsando-os do endemoniado gadareno (Marcos 5:1-20, Lucas 8:26-39), e do rapaz depois de os discípulos

terem falhado (Mat. 17:14-21, Marcos 9:14-29, Lucas 9:37-43); (4) sobre a morte, levantando o filho da viúva de Naim (Lucas 7:11-17) e chamando Lázaro do túmulo (João 11:17-46); (5) sobre o túmulo, resuscitando a si mesmo e a outros (Lucas 24:1-6, Mat. 27:52-53.)

Todas estas coisas — os acontecimentos de sua vida pré-mortal, a evidência de sua sabedoria, de sua onisciência e onipotência, e sua vitória sobre a tumba — confirmam meu testemunho de que Jesus é o Cristo.

A fonte real de meu testemunho, entretanto, é a evidência do Espírito Santo, que recebi como um resultado de seguir o conselho de Morôni de “... perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo...” (Morôni 10:4), e o conselho do Senhor a Oliver Cowdery de “... ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.” (D&C 9:8.)

Segui estas instruções e tenho sentido a ardência em meu peito. O Senhor tem iluminado e dito paz à minha mente. Deu-me um testemunho ao coração através do Espírito Santo. Sei que Jesus é o Cristo.

“... Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro...”
(Marcos 12:43.)



Pintura por James Joseph Jacques Tissot.
c John H. Eggers
Publications, do Museu
de Brooklyn.



O Mundo do Novo Testamento

Todas as linhas de força às quais chamamos de história do mundo, convergiram e se cruzaram em um pequeno país denominado Palestina há quase 2.000 anos — convergiram na vida de um homem chamado Jesus e cruzaram-se em um monte denominado Gólgota. E depois disso, nada foi o mesmo.

Mas, contrapondo-se à significação transcendente daquele homem e daquele país está a aparição humilde daquelas mesmas coisas — o homem e o país. Ele era um judeu, um carpinteiro, um súdito de Roma. O país tinha montes e lagos, lírios e trigo. Ele andou pela poeira das estradas de seu país e por entre o clamor de suas ruas.

Aprendemos, através das páginas que se seguem, a compreender o tempo e local que criaram Jesus.

Um gráfico preenche a lacuna histórica entre o Velho e o Novo Testamentos. Tanto a Grécia como Roma influenciaram a estrutura social da Palestina. As realidades mundanas da agricultura, pesca, impostos e das observâncias do Sábado uniam o povo judeu mesmo quando as seitas políticas e religiosas o dividiam. Observar os mapas nos fará apreciar a topografia do pequeno país acidentado, suas províncias políticas e divisões geográficas. E, ao ler o arranjo harmonioso dos quatro Evangelhos de modo a comparar suas descrições, é-nos fornecido um panorama cronológico dos principais acontecimentos da vida de Cristo.

Sejam bem-vindos, portanto, ao mundo do Novo Testamento.

DESIGNAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO	EQUIVALENTE DO TEMPO MERIDIANO	REFERÊNCIAS DAS ESCRITURAS
Hora Terceira Hora Sexta	9:00 12:00 — Meio-dia	Mat. 20:3; Marcos 15:25 Mat. 20:5; 27:45; Marcos 15:33; Lucas 23:44; João 4:6; 19:14
Hora Sétima Hora Nona	13:00 15:00	João 4:52 Mat. 20:5; 27:45-46; Marcos 15:33, 34; Lucas 23:44
Hora Décima Hora Undécima	16:00 17:00	João 1:39 Mat. 20:6, 9
A noite era dividida em vigílias ou períodos de três horas durante os quais os guardas da cidade cumpriam seus deveres. (Marcos 13:35.)		
DESIGNAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO	EQUIVALENTE DO TEMPO MERIDIANO EM QUE TERMINA A VIGÍLIA	REFERÊNCIAS DAS ESCRITURAS
Primeira Vigília	21:00	Marcos 13:35
Segunda Vigília	24:00 — Meia-noite	Mat. 25:6; Lucas 11:5 Mat. 26:74; Marcos 14:68, 72;
Terceira Vigília	3:00 — canto do galo	Lucas 22:60-61; João 18:27
Quarta Vigília	6:00 — manhã	Mat. 14:25; Marcos 6:48



ÉPOCA DO DOMÍNIO PERSA (538-332 A.C.)
Depois de conquistar a Babilônia, o Rei Ciro, da Pérsia, decretou (em 538 A.C.) que o povo exilado de Judá poderia voltar à sua terra. Isto realizou-se em três migrações, de acordo com o registro das Escrituras. Entretanto, a apostasia e o domínio persa ainda estão evidentes ao término do Velho Testamento.

458	450	445	432	332	323	301
	C.450		C.432			

Em 459 A.C. Esdras dirige à volta do segundo grupo principal de judeus exilados para a Terra Prometida. (Esdras 7:1, 6-29.)

Em c. 450 A.C., Malaquias, o Profeta, adverte quanto às violações dos convênios. Enraiza-se a apostasia entre o povo

Em 445 A.C., Neemias, designado governador, dirige a volta de outro grupo. (Ne. 2:1-11; 5:14; 7:5-73.) Os registros são reunidos e ordenados para serem lidos ao povo — Esdras é designado escriba. (Ne. 8:1-8.) As raízes para o estabelecimento da sinagoga começaram aqui.

Em c. 432 A.C., depois de uma ausência, Neemias volta para instituir reformas a fim de combater a crescente apostasia. (Ne. 13.)

Aqui termina o registro do Velho Testamento. Nenhum profeta conhecido trabalhou entre o povo de Judá durante sua luta como um povo até a época do Messias (Jesus Cristo).

Em 332 A.C., Alexandre, o Grande, da Macedônia, conquista a Palestina e empossa os gregos como vassalos-senhores sobre seu novo território, introduzindo o período de domínio grego-macedônio.

O DINHEIRO DO NOVO TESTAMENTO			
O dinheiro que circulava na Palestina durante os tempos do Novo Testamento provinha de três fontes diferentes: a cunhagem oficial dos romanos (dinheiro imperial), as moedas provincianas do velho padrão grego e o dinheiro judeu local. O cambio monetário era uma parte do comércio e negócios diários do povo do Novo Testamento.			
DESIGNAÇÃO OFICIAL DA MOEDA	TERMO USADO POR JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA	REFERÊNCIAS DAS ESCRITURAS	METAL DA CUNHAGEM
JUDIA Lepto	Réis Ceítíl	Marcos 12:42 Lucas 12:59; 21:2.	Bronze
GREGAS Dracma Didracma Estáter*	Dracma Didracma Estáter Moedas de prata	Lucas 15:8-9 Mat. 17:24 Mat. 17:27 Mat. 26:15; 27:3, 5-6, 9 Marcos 14:11 Mat. 28:12, 15 Lucas 19:13; 16, 18, 20, 24-25	Prata
Mina	Dinheiro Mina		
ROMANAS Quadrante	Réis, ceítíl Ceítíl	Mat. 5:26; Marcos 12:42 Mat. 10:29; Lucas 12:6 Mat. 18:28; 20:2, 9-10, 13; 22:19; Marcos 6:37; 12:15; 14:5; Lucas 7:41; 10:35; 20:24; João 6:7; 12:5	Bronze Cobre Prata
Denário	Dinheiro	Mat. 10:9	
Ouro	(Ouro)		Ouro

* (Algumas autoridades alegam que os dinheiros da traição e os dinheiros para "silenciar" os soldados foram estáteres.)

DE MALAQUIAS A MATEUS

A Época Entre os Dois Testamentos

Gráfico preparado por Edward J. Brandt, Instrutor, Universidade de Utah, Instituto de Religião.

ÉPOCA DO DOMÍNIO GREGO (332-175 A.C.) A dinastia grego-macedônia sobre Judá iniciou-se com a conquista de Alexandre, introduzindo as influências helênicas sobre o povo de Judá. Depois da morte de Alexandre, a liderança de seu império foi vagarosamente dividida. Eventualmente caiu sob o domínio dos reis greco-egípcios, que eram chamados os Ptolomeus (301-199 A.C.) Eventualmente, o controle da nação provincial foi assumido pelos reis greco-sírios, conhecidos como os Selêucidas.	REBELIÃO DOS MACABEUS (172-142 A.C.) Revolta contra os vassalos-senhores e as influências destrutivas da helenização de Judá.	PERÍODO DA INDEPENDÊNCIA (142-63 A.C.) A família dos Assamoneus (mais frequentemente chamada de Macabeus) liderou o povo de Judá como uma nação independente. Este período é também conhecido como "era comum."	PERÍODO DO DOMÍNIO ROMANO (63 A.C. — 73 A.D.) Iniciando-se com a submissão a Pompeu (em 63 A.C.), o domínio romano sobre Judá estabeleceu-se para continuar durante a época da vida de Cristo e até 73 A.D.
323 A.C., depois da morte Alexandre, o vasto império eventualmente dividido entre os alegados "sucessores" Alexandre. A Palestina, antes este período foi um s-tampão entre as duas ções contendoras do império. A.C. O período de controle s Ptolomeus sobre Judá na estina começa com sua nquista final da terra. Os lomeus eram os governantes gos do Egito. Pouco se sabe seu domínio sobre o povo Judá. 283 A.C. A influência da enização do povo de Judá duziu a tradução grega do ho Testamento conhecida como Septuaginta (LXX). Sob a eção de Ptolomeu Filadelfo e sancionada oficialmente o líder ou sumo-sacerdote Jerusalém, a obra foi mpletada por anciões autorizados povo em Alixandria, Egito. 198 A.C., os governadores gos da Síria, conhecidos como Selêucidas, conquistaram a ra e intensificaram o domínio ênico da nação vassala. 175 A.C. a exploração e aptação forçada da cultura ga pelos governantes trouxeram nde pressão sobre o povo. o templo foi saqueado, foram ibidas as ordenanças de rificio e ofertas, circuncisão, tas e sábados. Foi ordenada destruição das Escrituras e itos livros da lei foram eimados. O Sacerdócio da erança foi corrompido pela nda do cargo de sumo- cerdote para quem oferecesse lance mais alto.	Em 168 A.C., irrompeu uma revolta que foi selvagemmente abafada. Adicionalmente, os sírios construíram uma cidadela fortificada com o nome de Acra, em Jerusalém, para, reforçar seu domínio. A oposição aumentou — um grupo conhecido como os Hasidim (os santos) resistiu passivamente praticando os Estatutos Mosaicos em segredo ou no deserto. (Este é o grupo geralmente conhecido como o do início dos fariseus.) Em 167 A.C., o templo foi profanado e usado como um santuário para o deus Zeus, dos gregos. Foi decretada a pena de morte, reforçando a proibição das observâncias mosaicas. Tornou-se compulsória a adoração aos deuses pagãos. No vilarejo de Modin, Matatias, cujo nome de família era Assamoneu, e que recebeu mais tarde o nome de Macabeu, resistiu à tentativa de um oficial sírio de aplicar os decretos contra o povo. Isto precipitou a rebelião através de toda a terra. Depois da morte de Matatias, seu filho Judas, continuou em seu lugar. A família Assamoneu manteve a liderança, obtendo a independência para Judá, a qual se manteve até a conquista pelos romanos em 63 A.C. (Vide o Gráfico da família Assomoneu. Os números indicam sua ordem sucessiva de liderança.) Em 164 A.C., o templo foi purificado e rededicado sob a liderança de Judas Macabeu. Este dia tem sido anualmente celebrado como o Chanucá ou a Festa da Dedicção (às vezes chamada de Festa das Luzes).	142 A.C. Continuaram as conquistas pelo povo de Judá até que finalmente dominaram a maior parte do território, incluindo a Fortaleza de Acra, em Jerusalém, assegurando a independência do estado, havia tanto esperada. Em 129 A.C., os samaritanos e idumeus (nome grego para os edomitas) foram subjugados pelos judeus, tornando-se parte do reino. 63 A.C. Pompeu e as forças romanas, havendo conquistado o reino greco-sírio dos Selêucidas, tomou o controle de Jerusalém e a nação de Judá voltou a ser vassala, agora de Roma.	Em 37 A.C., Herodes, tendo obtido a comissão através de favor do senado romano, como um rei-vassalo do povo de Judá, governou tiranicamente sobre um povo que o chamava de "Meio-Judeu!" Através de medidas rígidas, foi estabelecida a ordem em toda a região e seu reinado promoveu a cultura greco-romana entre o povo. Em 20 A.C., Herodes iniciou a reconstrução do templo e seu complexo em Jerusalém. A obra do templo em si foi inicialmente completada em cerca de oito anos, mas o projeto durou muitos anos após a sua morte, ultrapassando mesmo a época de Cristo, até que fosse completada. Tradicionalmente, Herodes faleceu em 4 A.C., somente cerca de um ano após o nascimento de Cristo (considerada como sendo em aproximadamente 5 A.C. pela maioria dos eruditos).

As Influências Greco- Romanas Sobre a Terra Santa

T. Edgar Lyon

Situava-se a Terra Santa nas principais rotas de caravanas que, nos tempos antigos, ligavam o rico Vale do Nilo, no Egito, com o vale dos rios Tigre e Eufrates. A mercadoria era transportada de uma extremidade deste grande arco até a outra. O deserto árabe encontrava-se entre estes dois grandes vales. Para evitar atravessá-lo, as estradas passavam pelo que foi caracterizado pelos historiadores como "O Fértil Crescente". Através dessa estrada, os mercadores, manufactureiros e comerciantes competiam pelas especiarias do Oriente; o aço, sedas e linhos de Damasco; os tapetes da Pérsia e Babilônia; os cereais, frutas secas, vinho e óleos da Palestina; e os perfumes, ouro, ébano, marfim e pedras preciosas do Egito e África. Desde antes do início das histórias escritas, essa rota vinha sendo seguida por pastores nômades, caravanas, populações migratórias e exércitos conquistadores.

Um desses conquistadores foi Alexandre Magno, um dos mais vigorosos monarcas do mundo antigo. Era completamente dedicado à causa da cultura helênica (grega)



como a solução para todos os males que atormentavam a sociedade humana. Aristóteles, o famoso filósofo grego e professor de Alexandre, havia imbuido seu discípulo com grande admiração pela literatura, ciência, filosofia e religião gregas, assim como pelas artes gregas e sua ênfase sobre o corpo humano como a perfeição da beleza. O jovem Alexandre empreendeu sua conquista do mundo então conhecido, crendo que, se a juventude do mundo pudesse ser convertida ao valor do ponto de vista clássico dos gregos, ele poderia estabelecer a melhor forma de governo que o mundo havia conhecido e garantir a segurança do povo na vida, paz e abundância de alimentos, a maior apreciação possível da estética da vida, convicções religiosas sinceras que assegurariam a imortalidade e uma vida feliz durante a mortalidade.

Para alcançar seus objetivos, Alexandre estabeleceu novas cidades para o aprendizado, nas quais nenhuma tradição, costume ou interesses dominantes evitassem a aceitação de suas idéias. Foram fundadas Alexandria, Alexandreta, Alexandrópolis, Alexandrópole, a Decápolis (cinco de dez cidades na Terra Santa e Coel-Síria) e outras. Estabeleceram-se escolas na esperança de que, se a humanidade pudesse livrar-se das superstições, falsas religiões e misticismo, o mundo poderia alcançar um estado paradisíaco.

Com a idade de 20 anos, Alexandre havia se tornado rei da Macedônia e Grécia. Treze anos mais tarde, quando morreu, em 323 A.C., seu império consistia da Grécia Continental, Ásia Menor, Pérsia, o Vale do Tigre-Eufrates, e seguindo para o sul, o Rio Indo e praias do Mar Negro, Palestina, Egito, Síria e Pérsia. Três de seus generais dividiram entre si este império, mas nenhum deles possuía o zelo, energia, tino de estadista ou convicções que haviam motivado Alexandre. Ptolomeu, que ficou com o Egito, e Seleuco, que ficou com a Síria e o Oriente, estabeleceram ambos dinastias que duraram até o período de conquista romana do primeiro século A.C.; mas, nenhum desses reinos havia acentuado a helenização do Oriente e do Oriente Próximo como fizera Alexandre.

Durante os séculos seguintes, os reinos pós-alexandrinos foram destruídos até serem todos novamente reincorporados ao Império Romano. Os romanos, procurando um agente coesivo que amalgamasse suas conquistas, retomaram a idéia de uma unidade cultural e religiosa patrocinada pelo estado. Foi despendido dinheiro em pródigos templos de mármore em todo o império. Estatuários de deuses místicos e grandes mortais foram esculpidos aos milhares. Teatros e salas para concertos apareceram em todo o império; e dramaturgos, historiadores e poetas surgiram em

grande número. Deu-se ênfase à beleza de um corpo físico bem desenvolvido através de exercício muscular e atlético.

Na Palestina, esse helenismo criou conflito entre o povo judeu e as tentativas do governo de disseminar tal cultura entre os jovens de Israel. Muitos dos ideais de cultura estavam em conflito com os fundamentos da religião e vida familiar dos judeus. Para eles, a arte, em todas as suas formas físicas, estava em conflito com o Segundo Mandamento. A estatua nua, assim como a natação e os exercícios ao nu ou seminu era ofensivo ao povo judeu que, no decurso de vários séculos havia moldado padrões rígidos contra a exibição de qualquer parte do corpo, exceto as mãos, pés, pescoço e cabeça, em público. As mulheres usavam véus em público para esconder o rosto. Não havia banhos públicos em que as pessoas nadassem ou se banhassem na presença de outros. As apresentações do teatro romano com frequência tratavam do sexo de modo ofensivo à sensibilidade judia. As relações extramatrimoniais eram discutidas ou descritas no palco sem apresentar-se qualquer punição pelo pecado; isto violava os desejos dos judeus que insistiam em que a punição seguisse esses atos. A religião judia era baseada na revelação de Deus, através dos profetas e patriarcas. A cultura helênica atribuía o raciocínio, a observação e a experiência humanas com outros seres humanos como fontes das quais se originou a religião, independente de qualquer comunicação dos seres divinos.

Os judeus resistiam aos programas governamentais para a doutrinação da juventude. (Lembrem-se de que os judeus eram propensos à revolução, tendo estabelecido um reino independente em 142 A.C.).

Então aumentaram os esforços governamentais romanos para destruir a solidariedade da cultura judia. Foi estabelecido um campo de ginástica nas imediações de Jerusalém. Os jovens, eram encorajados a participar dos esportes, usando um mínimo de roupas. As moças eram ensinadas a libertar-se do forte domínio materno, garantir uma educação, vestir-se conforme as modas mais modernas e usar os banhos públicos. Foram estabelecidas escolas para ensinar a arte, literatura e ciência pagãs, assim como o ponto de vista grego relativo à moralidade. Alguns quilômetros ao norte de Nazaré, criou-se um novo centro helênico, conhecido como Sefhoris. Foi construído durante a meninice de Jesus numa tentativa para infiltrar a cultura grega na Galiléia. Para os oficiais do governo, este centro era um meio de destruir a solidariedade judaica, na esperança de evitar que fanáticos religiosos fomentassem a revolução e tentassem eliminar a autoridade romana na terra. O esquema completo tinha por objetivo fazer com que o judaísmo deixasse de existir como uma religião monoteísta no estado pluralista romano.

Roma governava seu vasto império mantendo no poder o mais forte dos reis locais. Concedia-lhes o título de rei mas colocava-os sob a jurisdição de um governador regional. Precisamos compreender o poder limitado possuído tanto pela autoridade religiosa quanto política que o governo romano concedia àqueles que controlavam o estado vassalo dos judeus. Isto é manifesto no medo que o corpo de governantes judeus tinha de que, se o movimento que Jesus estava encabeçando crescesse, as autoridades romanas o encarariam como outro movimento revolucionário judeu e removeriam a aristocracia judia governante que havia fracas-

sado em abafá-lo. (Vide João 11:48.)

Herodes, o Grande, reinava quando Jesus nasceu, mas estava sob o controle do governador romano da Síria. (Vide Lucas 2:1-2.) Depois da morte de Herodes, seu domínio foi dividido entre três de seus filhos, que foram rebaixados à condição de "etnarca" (legislador de uma tribo ou nação, governador de uma província) mas ainda tinham permissão de usar localmente o título de rei. Quando da crucificação de Jesus, um governador romano havia sido posto sobre a Terra Santa, com sua sede em Cesaréia.

Depois de a Palestina ter obtido seu próprio governador, Cesaréia tornou-se sua residência. Os governadores normalmente só iam a Jerusalém para assistir às principais festas judias, como a Páscoa, o Pentecoste, a fesa dos Tabernáculos e da Dedicção. Quando visitavam Jerusalém nessas ocasiões, os governadores ficavam hospedados na fortaleza de Antônio, onde era mantida uma pequena guarnição do exército durante todo o ano, mas que muito se aumentava com o acréscimo das tropas que acompanhavam os governadores a Jerusalém durante suas visitas festivas.

Roma controlou a Palestina durante toda a vida de Cristo e também no período do princípio da igreja cristã. Embora a Palestina fosse um país relativamente pequeno, sua posição provou-se vantajosa à difusão do cristianismo. A rota tão preferida pelos conquistadores e negociantes, pelos exércitos e caravanas, serviria agora para a disseminação do Evangelho. Partindo da Palestina, os ensinamentos do Salvador do mundo espalhar-se-iam por essas mesmas rotas comerciais, cristianizando grandes porções daquele mundo.



O Salvador, no Tanque de Betesda,
Quadro de Carl Heinrich Bloch, Cor-
tesia da Camera Clix Photo.

A Vida Cotidiana na Palestina

Edward J. Brandt

Você alguma vez imaginou como era realmente a vida entre os judeus durante a época do Salvador? Em que viviam? Quais eram suas ocupações? Onde ou como adoravam?

Estas e muitas outras perguntas poderiam ser respondidas, mas os séculos deixaram suas mudanças não somente na terra; eles também ocultaram as ruínas de cidades e vilas que, um dia pululavam com as atividades da época. As descobertas arqueológicas têm fornecido, através dos anos, muitos indícios e panoramas dos tempos antigos. Os velhos registros, particularmente, têm fornecido dados úteis para a obtenção de um quadro razoavelmente exato. O Novo Testamento, quando examinado com registros tais como o Mishnaico ou tradição interpretativa oral dos judeus, revela um lampejo da vida diária na época de Jesus.

A lei mosaica era o alicerce religioso do povo. Mas, a apostasia tinha diluído seus propósitos fundamentais através do desenvolvimento de "tradições". Estas eram, em grande parte, determinações legais surgidas como resultado das interpretações escriturísticas não autorizadas por Deus, e lidavam principalmente com a lei de Moisés. Essas "tradições" eram obrigações externas que governavam a vida cotidiana do indivíduo. O Salvador condenava os fariseus, que eram os aderentes mais rigorosos desse sistema. Perguntou ele:

"Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição?... invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus..." (Mat. 15:3, 6; veja também Marcos 7:3, 8-9, 13.) Mas o povo havia sido grandemente afetado pela injunção: "Maior rigor se aplica às palavras dos escribas do que às palavras da Lei." (Sanh. 11:3.)

As diferenças entre as seitas que haviam surgido entre o povo deviam-se, em grande parte, ao grau em que aceitavam e seguiam as tradições dos anciãos. O número pertencente às várias seitas era pequeno. Josefo registra que, das multidões que habitavam a terra (aproximadamente algumas centenas de milhares) somente cerca de 6.000 pertenciam ao grupo dos fariseus. (Antiq. XVII 3, 4.) Os saduceus, com suas alegações sacerdotais, formavam um grupo aristocrático ainda menor que possuía grande influência e ocupava muitas posições-chave de liderança política e religiosa devido a seu apoio aos governantes estrangeiros. Mas, mesmo os saduceus se submetiam a algumas das "tradições" geralmente mantidas pelo povo. Também existiam outras seitas naquele tempo. Os essênios eram em número considerável mas, geralmente se isolavam do povo, como um todo. O restante das pequenas seitas eram quase todas insignificantes em número.

Jerusalém era o local em que as seitas floresciam, sendo que poucos de seus seguidores habitavam fora de suas vizinhanças. As massas que compunham as cidades e vilas da terra eram conhecidas como o **Am ha-Aretz** ou o "povo da terra." Sem instrução relativa aos detalhes das tradições, eles eram considerados como camponeses ignorantes e simples. As pessoas da Galiléia e da região rural da Judéia eram deficientes aos olhos das seitas no que se referia ao cumprimento dos requisitos da lei de Deus. O registro escriturístico demonstra o ponto de vista cético que tinham os religiosos com

relação às pessoas camponesas: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?..." (João 1:46.) "És tu também da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu." (João 7:52.) No entanto, foi de entre as pessoas daquela região que Jesus chamou aqueles que seriam apóstolos.

O homem comum, portanto, era alguém que, ainda que influenciado por muitas das tradições, não pertencia às seitas derrisórias e dominantes de seu tempo. A maioria do povo ocupava-se em atividades agrícolas: proprietários de terras, arrendatários, pastores. Os outros dedicavam-se a uma profissão: — talhadores de pedra, sapateiros, alfaiates, ferreiros, oleiros, carpinteiros, tecelões e tintureiros. Os que tinham os mesmos ofícios geralmente localizavam-se na mesma rua ou bairro da cidade. Uma casa variava de acordo com o nível econômico dos seus ocupantes. Cada casa era geralmente ligada a um pátio e continha diversos aposentos. Com frequência alguns dos quartos eram usados para a prática da profissão do proprietário. O teto geralmente servia como um tipo de terraço ou podia conter outros aposentos para convidados e festas.

A influência religiosa cedo era sentida no lar até mesmo do homem comum. A oração familiar, de manhã e à noite, e antes e depois de cada refeição, assim como a oração individual, tinham uma profunda influência sobre as crianças. A mãe tinha a responsabilidade natural de ensinar os filhos nos seus primeiros anos. O pai ajudava auxiliando o filho a saber citar certas passagens das Escrituras para que, na idade de cinco anos, ele pudesse ler em voz alta. Encontra-se no Mishnah uma declaração esboçando as características de realização a serem teoricamente cumpridas por todo menino em cada idade da vida. "... Aos cinco anos (ser capaz de ler) as Escrituras (iniciando com Levítico); aos dez o Mishnah; aos treze, os mandamentos (Filho da Lei); aos quinze o Talmu-

de; aos dezoito a câmara-nupcial; aos vinte ter (uma profissão; aos trinta, autoridade; aos quarenta, discernimento; aos cinquenta, conselho, aos sessenta ser um ancião (élder) ...” (Aboth. 5:21.)

Na idade dos seis anos, a educação dos filhos masculinos passava para a escola local, anexa a quase toda sinagoga do país. O professor era sempre um homem casado, assalariado pelos pais que contribuíam voluntariamente para o seu sustento. O estudo das Escrituras iniciava-se pelo Levítico, passando pelos outros livros de Moisés, depois para os profetas e finalmente para os outros escritos. Adicionalmente, o estudo das tradições vinha à medida que a idade e o avanço permitia. Como a escola ocupava apenas quatro ou cinco horas do dia, havia bastante tempo para que o jovem aprendesse uma profissão. Trabalhando com seu pai ou outra pessoa, ele deveria aprender a profissão, não importa onde sua educação fosse levá-lo. Se, com a idade de 16 ou 17 anos o jovem houvesse continuado os estudos e demonstrado bom progresso, poderia prosseguir com um grande professor. A maioria, entretanto, deixava a escola depois de aproximadamente cinco anos para continuar no trabalho escolhido como profissão.

E a educação das mulheres? A educação da menina era inteiramente caseira. Seus primeiros anos eram semelhantes aos do menino — participando das orações e citações de Escrituras. A medida que ia crescendo, eram-lhe ensinadas habilidades domésticas e maternais; mas, adicionalmente, seu treinamento era enriquecido quando assistia regularmente às festas, festivais e serviços na sinagoga com sua família.

A adoração na sinagoga era o ponto alto do Sabá. O serviço consistia, basicamente, de orações especiais e da recitação do **Shema**, que é um tipo de credo escriturístico tirado de Deuterônimo e Números. (Deut. 6:4-9;

11:13-21; Num. 15:37-41.) Seguia-se o principal propósito do serviço — o ensino do povo. Começava com a leitura sucessiva sistemática dos livros de Moisés, uma seção arranjada para cada Sabá do ano. Depois da leitura da lei, seguia-se uma lição dos profetas que costumeiramente era correlacionada com a seção da lei que fora lida. O serviço freqüentemente terminava com um sermão ou discurso. Serviços especiais seriam também realizados em dias de festa, e, em alguns lugares, nas segundas e quintas-feiras para as pessoas das fazendas que vinham ao mercado e não viviam perto da sinagoga. O serviço durava de uma a três horas, dependendo da ocasião e dos oradores. As mulheres sentavam-se nas laterais, longe dos homens e separadas por uma repartição, ou na parte de trás da principal área da assembléia. Desta forma, as mulheres podiam também participar das instruções.

O casamento era encarado como um dever religioso. O rapaz devia casar-se aos 16 ou 17 anos e, aos 20 nos casos extremos. As moças podiam ser dadas em casamento pelos pais com doze anos e um dia. Se fossem casadas antes dessa tenra idade, tinham direito ao divórcio. Depois da idade legal, a moça tinha livre direito para consentir com qualquer noivado ou casamento. Tanto o noivado como o casamento exigiam um contrato por escrito, que só podia ser rescindido através do divórcio. O noivado era um tipo de período de compromisso prescrito pela lei, a fim de serem feitos todos os arranjos necessários para o casamento. O divórcio era conseguido com alguma facilidade de acordo com as interpretações e tradições estabelecidas pelos anciãos do povo. Nenhum divórcio, entretanto, era legal sem uma carta ou documento de divórcio.

Os problemas do governo durante os tempos refletem-se na taxação dos impostos sobre o povo. Toda a terra era uma província romana, com a Ju-

déia sob um governador romano e o restante com reis-vassalos. Os representantes de Roma eram principalmente militares e administravam os assuntos civis do povo. Eclesiasticamente, o povo judeu era governado em cada comunidade por um sinédrio ou “conselho”, que variava em tamanho de 3 a 23, dependendo da extensão da comunidade. Todos os sinédrios locais eram designados e dirigidos por um Grande Sinédrio em Jerusalém. Sua jurisdição, embora pretendendo ser limitada a assuntos religiosos, tinha amplo efeito por causa da lei mosaica e das tradições. Cada cidade e vila tinha também uma autoridade judia local denominada de “os anciãos”. Esses anciãos governavam principalmente os assuntos sociais e também exerciam um limitado controle civil. O povo estava sujeito a impostos para cada um desses corpos governantes. As mulheres começavam a pagar imposto na idade de 12 anos e os homens aos 14. Um imposto do templo para manter e fazer funcionar o santuário e seus dirigentes também era exigido. Do tributo imperial de Roma aos impostos arrecadados em toda a comunidade para o sustento da sinagoga, escolas, obras públicas e exigências sociais; o povo tinha que arcar com uma pesada carga em sua luta pela vida.

Este breve relance da vida cotidiana do homem comum durante a época de Cristo foi obtido através do exame dos remanescentes dos escritos rabínicos posteriores. E, no entanto, a evidência da influência das “tradições” conforme encontrada nas páginas do Novo Testamento sugere seu valor em uma reconstrução parcial da era do novo convênio das Escrituras. Enquanto a lei mosaica e essas “tradições” em sua plenitude se tornaram uma maldição para alguns, para outros foram um mestre-escola de preparação para a lei do Evangelho. (Vide Gál. 3:13, 24-25.)



A Árvore da Felicidade

Eva Gregory de Pimienta



Resumo da parte já publicada:
Adriano, um pastorzinho sensível das montanhas do México, sonha em tornar-se um grande concertista de violino.

Certa noite, ampara uma velha cigana e convida-a para ficar em sua casa onde ela conta ao rapaz e à sua família a respeito dos belos salões de concertos que viu e sobre a bela música que ouviu. Quando parte, dá ao rapaz uma semente de **tabachin** ou árvore da



“felicidade” para plantar, com a promessa de que a árvore lhe trará felicidade se ele cuidar dela. Ao crescer, a árvore floresce repentinamente com uma grande profusão de flores douradas e vermelhas. A árvore fica tão linda que um rico proprietário de terras se oferece para comprá-la, mas, quando Adriano descobre quão mau e egoísta é o homem, recusa-se a vender a árvore ou mesmo dar-lhe quaisquer sementes.



Adriano tem outros planos para as sementes. No início, Adriano pensou em vender as sementes da árvore **tabachin**. Se Don Porfírio Paz estava desejando pagar um preço tão grande pela árvore, haveria provavelmente outros que pagariam alguns centavos pelas sementes.

Ele abriu uma das vagens e contou vinte sementes. Olhou para as centenas de vagens e começou a multiplicar cada uma das sementes por quatro centavos. O resultado fez com que sua cabeça girasse com um sentimento de riqueza. Pensou, então, no rosto duro e egoísta do homem rico.

Ele não é feliz, admitiu Adriano para si mesmo. **A riqueza nem sempre traz felicidade.**

Lembrou-se das ruas vazias e feias e da “plaza” da vila vizinha onde havia apenas algumas árvores de sombra. Agora lhe vinha uma idéia diferente.

— **Padre** (papai), — perguntou ele na manhã seguinte, — o senhor poderia passar sem mim hoje? Tenho uma tarefa muito importante a realizar.

— Si, — concordou seu pai.

O palácio da justiça havia acabado de abrir para os trabalhos do dia quando Adriano chegou à vila. Entrou hesitante, inclinando a cabeça para o homem que estava varrendo a rua de pedras.

Ele tirou o sombrero enquanto avançava vagarosamente em direção ao homem grande que estava sentado atrás de uma mesa gasta.

— **Señor Alcalde** (Sr. Prefeito)? — perguntou hesitante.

O homem levantou os olhos, então sorriu e disse: — **Si**, José Lopez, às suas ordens.

Respirando fundo, Adriano começou: — Acaba de me ocorrer que talvez o senhor gostasse de ter



algumas árvores extraordinárias para embelezar a plaza.

Os olhos azuis de Don José reluziram alegremente.

— Você é o dono da árvore **tabachin**? — perguntou ele.

— Si, Señor, — respondeu Adriano.

— Acho que seria uma idéia excelente, — disse o prefeito. — Mas acho que as sementes são muito delicadas. Quem as plantará?

— Plantarei as sementes, **Señor**, — ofereceu Adriano, — e cuidarei das plantinhas depois do trabalho, à noite.

Adriano plantou as sementes, construiu cercas protetoras em sua volta e cuidou das plantinhas como se fossem suas. E quando elas ficaram fortes e não precisavam mais de muitos cuidados, o prefeito chamou Adriano para uma reunião especial.

— Queremos, de alguma forma, agradecer-lhe pelo que fez pela vila, — declarou o prefeito. — Gostaríamos de saber se podemos realizar algum simples desejo seu.

Adriano olhou para o círculo de rostos sorridentes à sua volta. Seu coração disparou — com surpresa e esperança. Imaginou se ousaria pedir o que mais desejava.

— **Señor**, — disse finalmente, — tenho realmente um desejo. Eu gostaria de aprender a tocar violino.

O prefeito atirou para trás a cabeça e sua grande risada ecoou pelo pequeno saguão.

— Você terá seu desejo satisfeito! — declarou. — O velho professor de música é um amigo meu. Eu mesmo o levarei até ele.

— Sou muito velho e quase surdo, — objetou o mestre de música quando o prefeito e Adriano chegaram à sua casa. — E como é que vou saber se este rapaz tem talento musical?

Rapidamente Adriano tirou a flauta de dentro da camisa e, antes que o professor pudesse protestar, começou a tocar.

Depois das primeiras notas, o ancião começou a debruçar-se, colocando a mão em forma de concha ao ouvido. Logo estava acenando com a cabeça. Quando Adriano terminou, os olhos do mestre estavam brilhantes de prazer. — Eu o ensinarei, — concordou ele.

— Mas... — começou Adriano, lembrando-se repentinamente da coisa mais importante de todas.

— Não se preocupe, meu filho, — disse o prefeito, pondo a mão no ombro do menino, — a cidade comprará um violino para você.

— **Gracias** (obrigado)! — disse Adriano.

Seus pés voavam, mal tocando o chão, quando correu para casa. Estava quase sem fôlego de excitação ao contar a seus pais a história do violino. Eles acenaram com prazer enquanto Adriano exclamava repetidamente: — A árvore da felicidade! Ela realizou meu sonho!

Quando as árvores **tabachin** floriram na vila, Adriano já havia aprendido tudo que podia do velho professor de música. — Agora você está pronto para ir para a cidade, onde se encontram os verdadeiros mestres, — disse ele.

— Mas, não tenho dinheiro algum, — protestou Adriano.

— Você tem mais do que dinheiro, — replicou o mestre. — Você pode tocar violino para pagar seus estudos e também por seu alimento.

E assim Adriano partiu para Oaxaca. Depois de dois dias de caminhada, o lanche que sua mãe preparara havia terminado. Cansado e com fome ele chegou a um pequeno vilarejo ao pôr do sol.

Agora, começa o teste, pensou Adriano de si para consigo. Parou na esquina e tirou seu violino. A princípio, somente uma ou duas pessoas curiosas pararam, mas, continuando a tocar, muitas outras se reuniram. Quando parou choveram sobre ele pequenas doações de dinheiro.

Adriano chegou à cidade com dinheiro suficiente para pagar a comida e um quatinho nos fundos de uma hospedaria. O hospedeiro concordou em deixar Adriano trabalhar nos estábulos.

Algumas semanas mais tarde, Adriano encontrou um professor de música disposto a dar aulas a um humilde rapaz do interior pela pequena taxa que este podia pagar.

As mãos de Adriano começaram a tremer quando se pôs a tocar. **Este não é meu velho professor**, pensou Adriano preocupado. **Seu rosto é severo e frio. Mas não devo perder esta oportunidade.**

Forçou-se a pensar nos largos ramos da árvore **tabachin** com suas flores escarlates salpicadas de ouro. Finalmente, seus dedos começaram a mover-se firmes e rapidamente.

— Um-m-m, — disse o mestre quando Adriano terminou, — de quem é essa música? Nunca a ouvi antes.

— É minha, — disse Adriano, imaginando se devia ter tocado alguma outra coisa.

— Você está disposto a trabalhar muito sem reclamar e fazer muitos sacrifícios? — perguntou o mestre.

— Si! Si! — prometeu Adriano, e, a partir daquele momento a vida dele ficou muito diferente. Em vez de trabalhar nos estábulos, ele tocava à noite para os hóspedes da estalagem. Ele estudava e praticava para tornar realidade seu sonho de tocar nos grandes salões de concerto.

Um dia, quando Adriano se movia entre as mesas da grande sala de jantar da estalagem, notou vários estranhos perto da lareira. Quando a última nota de seu violino morreu, um dos estranhos dirigiu-se a ele.

Adriano curvou-se polidamente e permaneceu quieto esperando que o estranho alto e esguio falasse.

— Qual é seu nome, rapaz? — perguntou o homem.

— Adriano, — respondeu.

— Bem, Adriano, — respondeu o estranho, — você gostaria de tocar para um amigo meu muito especial que está visitando Oaxaca, sua cidade natal?

— Se minha música lhe agradou terei prazer em tocar para o seu amigo, — respondeu Adriano.

— Virei buscá-lo dentro de uma semana, contando de hoje, então, — disse o estranho. — Meu nome é Guillermo Prieto, e o amigo a respeito do qual falo é Don Benito Juárez.

O primeiro nome foi o bastante para fazer Adriano assombrar-se pois Guillermo Prieto era um poeta famoso, mas o segundo nome deixou o rapaz sem fala. Don Benito Juárez era o presidente do México!

Adriano passou a semana seguinte praticando como nunca o fizera antes. Quando chegou o dia do grande acontecimento, ele se vestiu cuidadosamente. Mas, ao olhar-se no espelho, divisou o rosto de um pastor amedrontado e solitário. Para tomar coragem, Adriano pegou sua flauta da mesa e a colocou dentro de sua jaqueta de veludo.

A sala de recepções da rica mansão estava cheia de homens e mulheres importantes e ricos. Houve uma movimentação quando entrou um homem de terno escuro. Guillermo Prieto levou Adriano para conhecer o presidente. O rapaz sentiu-se muito pequeno e humilde diante do homem grande e famoso.

— Toque agora, — disse o presidente gentilmente, depois de havê-lo cumprimentado.

Repentinamente Adriano ficou impressionado pela nota de tristeza no rosto do presidente.

Aqui está um homem famoso, pensou divagando, mas é evidente que está preocupado e solitário.

Lembrou-se, então, de que Don Benito Juárez já havia vivido nas montanhas de Oaxaca. Decidindo-se rapidamente, Adriano fechou a caixa do violino e apanhou sua flauta. Ao vê-la, Guillermo Prieto le-

vantou-se surpreso de sua cadeira e adiantou-se apressadamente.

— Espere, — ordenou o presidente gesticulando para que o poeta voltasse à sua cadeira. — Este rapaz sabe muito bem o que está fazendo.

Ao invés do som do violino, a sala encheu-se das notas altas e doces de uma flauta rústica. Adriano emitiu o som do canário silvestre e da calandra. Tocou as ovelhas pastando, o cão pastor e os riachos murmurantes em sua flauta. Quando terminou, viu que os olhos do presidente estavam cheios de lágrimas.

Nos dias seguintes Adriano lembrou-se daquele rosto circunspecto e triste. Lembrou-o enquanto tocava seu violino nos grandes salões de concerto. Lembrou-o quando se misturava com os ricos ou tocava para os pobres.

Certo dia, descendo de sua carruagem para entrar em um salão de concertos, Adriano viu que a multidão que se reunia para vê-lo era ainda maior do que a costumeira. Compunha-se de homens, mulheres e crianças de todas as camadas da vida. Ao abrir caminho entre as pessoas, um menino engraxate adiantou-se.

— Como gostaria de poder ouvir o grande Adriano tocar só uma vez! — escutou Adriano.

O violinista parou repentinamente. Colocando a caixa do violino sobre o joelho, ele o retirou e começou a tocar. Executou a música dos grandes mestres, e suas próprias músicas. Fez com que o violino risse. Fê-lo chorar. Então, inesperadamente, começou a tocar uma nova canção. E sentiu estar tocando a canção da árvore da felicidade.

Quando a multidão finalmente se dispersou, Adriano sentiu uma súbita saudade de seu lar e da árvore **tabachin**. Deixou a carruagem na rua e começou a andar.

Os antigos dizem que as árvores **tabachin** da vila floriram no dia em que Adriano chegou, embora ainda fosse muito cedo.

— Sei o que é a felicidade, — disse ele, depois de haver saudado seus pais. — A felicidade é dar, dar como fiz com as sementes da árvore **tabachin**. Darei minha música a todos aqueles que quiserem ouvir e minha riqueza aos pobres e desafortunados.

Levando apenas uma muda de roupa e seu violino, Adriano iniciou uma viagem por todos os cantos do México. De todas as músicas que tocou, “A Canção da Árvore da Felicidade” foi a favorita de todos.

E algumas pessoas acham ainda hoje que o som macio e doce do vento nas árvores **tabachin** é realmente a música do violino de Adriano.

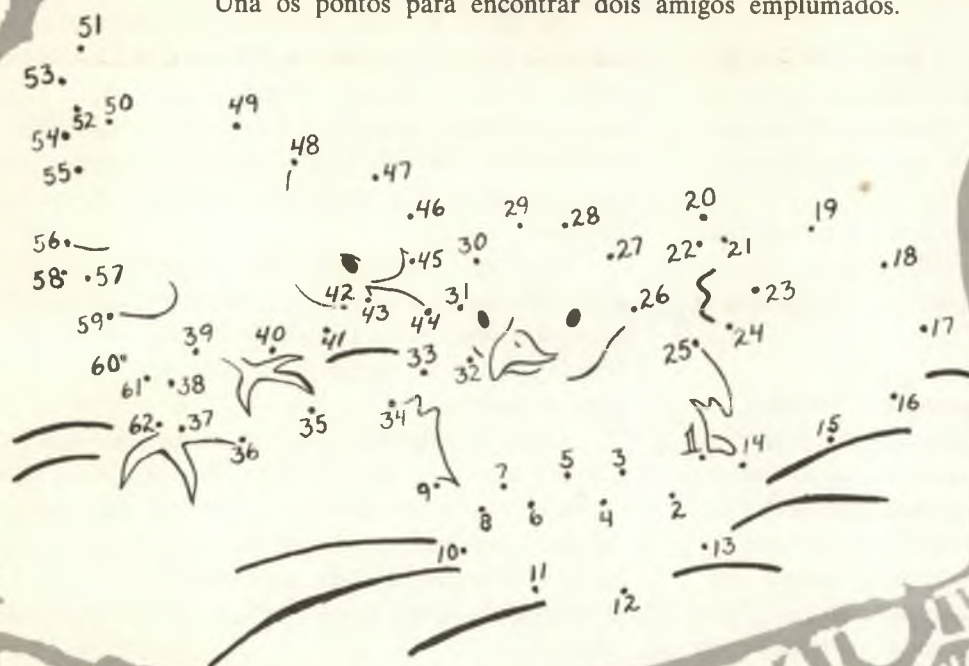
QUEBRA-CABEÇAS DE PONTOS

Evalyn Shephard

Una os pontos para encontrar dois amigos emplumados.

LABIRINTO

Beverly Johnston



sem cruzar nenhum das linhas, ajude Joãozinho a pegar papagaio antes que voe para longe.

ENCONTRE O PASSARINHO DIFERENTE

Ann Stacey

Você pode encontrar o passarinho diferente?

**Só
para
Divertir**





Não é assim que
se enche uma
bola de gás.

ASSOPRAR BOLHAS

por Chauncey Mobberly

Você precisará de: tubo de papelão, cartolina, tesoura, tintas e pincel.

Pinte o tubo de papelão de uma cor viva. Este será seu soprador de bolhas. Depois que a tinta estiver seca, pinte duas fileiras, uma de oito e outra de seis círculos brancos pela extensão do tubo. Escreva as palavras ASSOPRAR BOLHAS usando um círculo branco para cada letra.

Corte, na cartolina, quatro círculos ("bolhas") um pouco menores do que o diâmetro do tubo de papelão. Escreva a palavra BUM em um lado de cada círculo.

É divertido brincar de assoprar bolhas

tanto sozinho como com amigos. O objetivo da brincadeira é assoprar as quatro bolhas (círculos) de papel para fora do tubo para que aterrissem com os lados lisos para cima. O jogador ganha um ponto por bolha que aterrisar com o lado liso para cima. Nenhum ponto é feito quando as bolhas aterrisam com o lado escrito BUM para cima. O primeiro participante a conseguir dez pontos ganha o jogo.

TESTE DE COMBINAÇÕES

Richard Latta

Combine as gravuras destes objetos com os seus nomes.



- martelo
- parafuso
- serrote
- pá
- ovo



PAREDES RELUZENTES

por Iris Syndergaard



Ilustrado por Sherry Thompson

Hilda Larson estava pondo a mesa quando seu pai entrou e lhe disse: — Tire a louça velha, Hilda. Vamos ter visitas.

— Quem é que vem, John? — perguntou a mãe de Hilda.

— Dois dos homens com quem trabalhei hoje no templo, — respondeu ele.

— Heber C. Kimball e Brigham Young.

Hilda sorriu, satisfeita por saber que Brigham Young vinha jantar. Ela gostava da maioria dos homens com quem seu pai trabalhara desde que eles se mudaram para Kirtland, Ohio. Mas gostava especialmente de Brigham Young que contava histórias interessantes.

Hilda e sua mãe foram até um quartinho onde a louça de porcelana era guardada num armário alto atrás de pesadas portas de vidro. Embora fossem usadas apenas quando havia visitas ou em feriados especiais, Hilda conhecia cada uma das peças.

Havia uma série de oito bonitos pratos com xícaras e pires combinando, uma molheira e uma grande sopeira feita de delicada porcelana de Dresden. Ao redor da borda de cada peça havia um desenho de ramo de salgueiro em delicado azul.

Enquanto sua mãe lhe estendia as louças, Hilda as segurava cuidadosamente, peça por peça.

— Este jogo de porcelana, — explicou sua mãe, pertenceu à sua bisavó. Ela enrolou cada uma das peças em acolchoados quando veio da Inglaterra, em 1770. Preocupava-se todas as vezes que havia uma tempestade no oceano, por medo de que se quebrassem as louças.

Hilda pensou em como sua avó devia ter-se sentido feliz quando as louças foram desembulhadas.

Nenhuma estava quebrada naquela ocasião, mas a avó de Hilda havia deixado cair um pires quando era criança. E a mãe de Hilda sempre falava de como ela própria havia quebrado o açucareiro depois que ganhara a louça como presente de casamento.

— Como chorei, — disse ela. — Aquele açucareiro era meu favorito.

Hilda andou bem devagar carregando a frágil porcelana até a cozinha. Depois de a mesa ser posta, a mãe trouxe um jarro azul lindo que fora usado muito poucas vezes. Ela colocou o jarro no meio da mesa. — Pronto, — disse ela. — Não está lindo?

Pondo o braço em volta de sua esposa, o pai de Hilda disse: — Está lindo, Sara. — Mas sua voz soava triste. — Estou satisfeito de que você tenha uma oportunidade de exibir o jarro de porcelana. Pode ser a última vez.

Hilda não compreendeu. Por que minha mãe deixaria de usar o jarro? ficou imaginando.

Lembrou-se de uma vez em que lhe havia sido permitido segurá-lo cuidadosamente junto à janela, para ver como a luz brilhava através dele. Seu pai lhe explicara que aquela fina porcelana era translúcida e que a mãe dele a trouxera consigo da Holanda, havia muitos anos.

Em resposta a uma batida na porta, papai abriu-a e deu as boas-vindas aos dois distintos cavalheiros que estavam fora. — Nossos convidados estão aqui, — disse ele, e Hilda e a mãe apressaram-se em dar-lhes as boas-vindas.

Durante a refeição, Hilda apreciou ouvir o pai falando com os dois homens. Falaram de como o Templo de Kirtland, que estavam construindo, estava prestes a ser terminado.

— Todos os santos em Kirtland têm ajudado, — disse o irmão Kimball.

— Podemos ser poucos em número, — concordou o irmão Young, — e pobres, mas somos ricos na fé. Enquanto os homens trabalham no edifício, as mulheres fiam e tecem panos para nossas roupas.

Irmão Kimball apanhou a xícara de porcelana que estava ao lado de seu prato. — E agora as mulheres dão suas preciosas louças, — disse ele, olhando para a mãe de Hilda. Ele apontou então para o belo jarro de porcelana.

— Aquele também, Irmã Larson? — perguntou.

— Sim, Irmão Young, — assentiu sua mãe. — Se for necessário.

Depois que os homens partiram, Hilda ajudou a lavar as louças e colocá-las de volta no armário. Quando sua mãe fechou as portas de vidro, lágrimas escorreram-lhe pela face. Hilda gostaria de saber porque todos pareciam tão tristes com relação às louças.

Na tarde seguinte, Hilda surpreendeu-se ao ver o pai vir para casa cedo. Ele costumeiramente trabalhava no templo o dia inteiro, a menos que tivesse um serviço de marcenaria em Kirtland. Ele falou em voz baixa para a mãe de Hilda: — Estamos prontos para recebê-los, Sara.

— Venha, Hilda, precisarei de sua ajuda, — disse a mãe, levando-a até a sala onde se encontrava o armário das louças. Ao seu lado se encontrava uma grande caixa.

— Precisamos arrumar a porcelana nesta caixa, Hilda — disse-lhe a mãe. — As louças são necessárias para ajudar a construir o templo. Hilda não podia imaginar como as louças de porcelana e o jarro inestimável poderiam ajudar

a construir um templo. Observou seu pai levantar a caixa de louças e colocá-la na parte traseira de uma carrocinha puxada a burro. Eles foram, então, para a ribanceira onde estava sendo construído o templo.

Hilda desceu da carroça e seguiu o pai até um grande tanque onde um trabalhador estava mexendo alguma coisa.

Inclinando-se, o pai de Hilda falou através do barulho: — Estamos fazendo argamassa de estuque para o exterior das paredes do templo. Descobrimos que porcelana pulverizada ajuda a segurar a massa. Além disso, — acrescentou, — as paredes ficam muito bonitas

com os pedaços de porcelana e vidro reluzindo.

Um homem que se encontrava próximo disse: — Quase todas as mulheres SUD deram suas melhores porcelanas para o templo.

Hilda mal podia acreditar quando viu a mãe tirar aquela linda porcelana de Dresden de uma caixa e estender cada peça a um homem que estava ao lado do tanque. Ele as colocou em uma táboa achata-da, quebrou-as e varreu os pedaços espatifados para dentro do tanque.

Quando o jarro azul de porcelana foi quebrado e varrido para a mistura de estuque, Hilda começou a chorar.

— Não fique triste, Hilda, — disse a mãe, pondo o braço à volta da garota, que soluçava. Mas, por todo o caminho de volta, dentro da carroça, com a caixa vazia chacoalhando atrás, Hilda continuava chorando silenciosamente.

Certa tarde, depois de terminado o templo, Hilda andava com os pais pela estrada em direção ao belo edifício. O sol se estava pondo e Hilda viu as paredes do templo. Elas reluziam e brilhavam à luz do sol.

— Oh, Mamãe! — exclamou, com o coração subitamente cheio e feliz. — Está vendo aquele brilho azulado ao lado da porta da frente? Só o vaso de porcelana da Vovó Larson poderia reluzir assim!



**PRIMEIRO PERÍODO:
DAS PREDIÇÕES DA MORTALIDADE
DE JESUS AO MINISTÉRIO DE JOÃO**

Lições 6-8 da Escola Dominical

A Harmonia Entre os Quatro Evangelhos

Cada um dos quatro Evangelhos contribui com informações, detalhes e perspectivas não encontrados nos outros três.

Quando combinados, eles apresentam o quadro mais completo e exato que temos do ministério de Jesus Cristo. Aqui, são alistados os principais acontecimentos relativos aos períodos conhecidos da vida do Salvador com os locais e referências fornecidos pelos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Arranjos como estes são geralmente chamados de harmonias. Não se conhecem os locais exatos de todos os acontecimentos, mas a sequência sugerida de fatos e a localização geral de lugares ainda desconhecidos.

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
Vida pré-mortal					1:1-19
Anunciação a Zacarias	Jerusalém			1:5-20	
Reclusão de Isabel	Judéia			1:24-25	
Anunciação a Maria	Nazaré			1:26-38	
Maria visita Isabel	Judéia			1:39-56	
A visão de José	Nazaré	1:18-25			
O nascimento de João	Judéia			1:57-80	
O decreto de César Augusto				2:1-5	
O nascimento de Jesus	Belém	1:1-17		2:6-7	
As genealogias de Jesus				3:23-38	
Pastores	Belém			2:8-20	
Circuncisão	Belém			2:21	
Apresentação no templo	Jerusalém			2:22-38	
Volta a Nazaré	Nazaré			2:39	
Visita dos Magos	Belém ou Jerusalém	2:1-12			
Fuga para o Egito	Egito	2:13-15			
A matança das crianças	Belém	2:16-18			
Volta do Egito	Nazaré	2:19-25		2:40	
Jesus no templo	Jerusalém			2:41-50	
Residência em Nazaré	Nazaré			2:51-52	

**SEGUNDO PERÍODO:
DO MINISTÉRIO DE JOÃO ATÉ A PRIMEIRA
PÁSCOA DO MINISTÉRIO DE JESUS**

Lições 9-13 da Escola Dominical

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
Início do ministério de João Batista					
Início do ministério	Judéia			3:1-2	
Introdução e mensagem de João	Judéia	3:1-6	1:1-6	3:3-6	
Pregação de João		3:7-12		3:7-14	
Anúncio da vinda de Cristo		3:11-12	1:7-8	3:15-18	
João batiza a Jesus	Betabara	3:13-17	1:9-11	3:21-23	
A Tentação	Judéia	4:1-11	1:12-13	4:1-13	
João declara não ser o Cristo	Betabara				1:19-28
João testifica que Jesus é o Cristo					1:29-34
André e Simão encontram Jesus					1:35-42
Encontrados Filipe e Natanael					1:43-51
O primeiro milagre — as bodas de Caná	Caná				2:1-11
Jesus vai para Capernaum	Capernaum				2:12

**TERCEIRO PERÍODO:
INÍCIO DO MINISTÉRIO NA JUDEIA
DESDE A PRIMEIRA PÁSCOA ATÉ A VOLTA
À GALILÉIA**

Lições 14-15 da Escola Dominical

Acontecimento	Lugar	Mteus	Marcos	Lucas	João
A primeira Páscoa — primeira purificação do templo	Jerusalém				2:13-25
Nicodemos visita a Jesus	Jerusalém				3:1-21
Volta à Judéia	Judéia				3:22
Testemunho de João a seus discípulos	Judéia				3:23-36
Herodes aprisiona a João	Maquero	14:3-5	6:17-20	3:19-20	
Jesus parte da Judéia para a Galiléia	Judéia	4:12	1:14	4:14	4:1-3
A mulher de Samaria	Sicar				4:4-42
Jesus vai para a Galiléia	Galiléia				4:43-44



dos pode levar a uma melhor compreensão da vida do Mestre.

A harmonia e sua divisão em períodos da vida de Cristo está baseada na harmonia organizada por J. Reuben Clark Jr. em **Our Lord of the Gospels** (Nosso Senhor dos Evangelhos).



(Salt Lake City: Deseret Book Company, 1957). Esta mesma obra foi utilizada para o arranjo geral das lições da classe de Doutrina do Evangelho do próximo ano (76-77). As designações de leitura da unidade para o curso são uma combinação das referências escriturísticas de acordo com os principais períodos da vida de Cristo, conforme apresentados pelo Presidente Clark. (O mercador de livros encontrado neste número d'A Liahona tem alistadas as designações de leitura para o curso.) Veja também **Os Quatro Evangelhos — Suplemento do Professor de Doutrina do Evangelho 1975-76**, pp. 8, 30, 42, 64, 72, 103, 115, 127. A forma detalhada dos acontecimentos, conforme esquematizada pelo trabalho do Presidente Clark, é aqui fornecida para um estudo mais detalhado da vida mortal do Salvador. A respeito desse arranjo, o Presidente Clark escreveu:

QUARTO PERÍODO:
GRANDE MINISTÉRIO DA GALILÉIA
A. Da Volta da Galiléia à Escolha dos Doze
Lições da Escola Dominical 16-17¹

OBSERVAÇÃO: Conforme usado aqui, "Galiléia" refere-se a uma província da Palestina localizada ao norte de Samaria, estendendo-se para o leste em direção ao Rio Jordão e ao oeste para o Mar da Galiléia.

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
Prega na Galiléia	Galiléia	4:17	1:14-15	4:14-15	4:45
Cura o filho do régulo	Caná				4:46-54
Rejeitado em Nazaré	Nazaré			4:16-30	
Trabalho em Capernaum	Capernaum	4:13-16		4:31-32	
Chamado de Pedro, André, Tiago e João	Galiléia	4:18-22	1:16-20	5:11-11	
Expulsa um espírito imundo	Capernaum		1:21-28	4:31-37	
Cura a sogra de Pedro; muitos milagres	Capernaum	8:14-17	1:29-34	4:38-41	
Jesus faz uma viagem de pregação	Galiléia	4:23-25	1:35-39	4:42-44	
O leproso curado	Galiléia	8:1-4	1:40-45	5:12-16	
Cura um paralítico	Capernaum	9-2-8	2:1-12	5:17-26	
Chamado de Mateus que dava um banquete	Galiléia	9:9-13	2:13-17	5:27-32	
Os discípulos de João inquirem sobre o jejum (Perto do mar da Galiléia)		9:14-17	2:18-22	5:33-39	5:1-47
A segunda Páscoa	Jerusalém				
Os discípulos colhem espigas no Sábado	Galiléia	12:1-8	2:23-28	6:1-5	
Cura do homem com a mão mirrada	Galiléia	12:9-14	3:1-6	6:6-11	
Retirada para o Mar da Galiléia		12:15-21	3:7-12		
Ordenação dos Doze	Galiléia	10:1-4	3:13-21	6:12-16	

¹As lições 18-20 foram colocadas erroneamente na Parte A do Grande Ministério da Galiléia em vez de na Parte B com as lições 21-23. (Vide **Os Quatro Evangelhos — Suplemento do Professor de A Doutrina do Evangelho**, 1976/77.

QUARTO PERÍODO:
GRANDE MINISTÉRIO DA GALILÉIA (continuação)
B. Do Sermão da Montanha até a Viagem pelo Norte da Galiléia

Lições da Escola Dominical 18-23

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
O Sermão da Montanha ¹		Cap. 5-7		6:17-49	
Cura o criado do centurião	Capernaum	8:5-13		7:1-10	
Faz reviver o filho da viúva de Naim	Naim			7:11-17	
João envia mensageiros; perguntas a Jesus	Galiléia	11-2-30		7:18-35	
Jesus ungido pela mulher pecadora	Galiléia			7:36-50	
Outra viagem pela Galiléia	Galiléia			8:1-3	
Cura do homem cego e mudo	Capernaum	12-22-23			
Acusado de ligação com Belzebu	Capernaum	12:24-37	3:22-30		
Jesus discursa sobre sinais	Capernaum	12:38-45			
Procurado por sua mãe e irmãos	Capernaum	12:46-50	3:31-35	8:19-21	
Multidões ensinadas por parábolas (Mar da Galiléia)	Galiléia	13-1-3	4:1-2	8:4	
Parábola do Semeador	Galiléia	13-3-23	4:3-25	8:5-18	
Parábola da semente crescendo	Galiléia		4:26-29		
Parábola do joio	Galiléia	13:24-30			
Parábola do grão de mostarda e do fermento	Galiléia	13:31-35	4:30-34		
Explicada a parábola do joio		13:36-43			
Outras parábolas				13:44-53	
A tempestade acalmada (Mar da Galiléia)	Galiléia	8:8-27	4:35-41	8:22-25	

Expulsa demônios dos gadarenos (gergesenos)	Gadara	8:28-34	5:1-20	8:26-39	
Volta a Capernaum	Capernaum	9:1	5:21	8:40	
Faz reviver a filha de Jairo	Capernaum	9:18-29, 23-26	5:22-24, 35-43	8:41-42, 49-56	
Cura mulher com o fluxo	Capernaum	9:20-22	5:25-34	8:43-48	
Cura dois cegos	Capernaum	9:27-31			
Cura endemoniado mudo	Capernaum	9:32-34			
Segunda rejeição em Nazaré	Nazaré	13:54-58	6:1-6		
Viagem à Galiléia	Galiléia	9:35-38	6:6		
Enviados os Doze — Parábola das terras e mordomias	Galiléia		6:7-13	9:1-6	
Jesus continua sua viagem	Galiléia	10:1, 5-42			
Herodes decapita João ²	Maquero		6:21-29		
Herodes pensa que Jesus é João	Galiléia	11:1	6:14-16	9:7-9	
Os doze relatam sua missão	Capernaum	14:6-12	6:30	9:10	
Ministério em Betsaida	Betsaida	14:1-2	6:31-32	9:10-11	
Alimenta cinco mil (perto de Betsaida)	Galiléia	14:13	6:33-44	9:12-17	6:1-14
Jesus impede que o façam rei	Galiléia	14:14-21	6:45-46		6:15
Jesus anda por sobre o Mar da Galiléia	Galiléia	14:22-23			
Discurso à multidão sobre o Pão da Vida	Capernaum	14:24-33	6:47-52		6:16-21
Cura pessoas em Genesaré	Genesaré	14:34-36	6:53-56		
Discurso sobre a pureza	Capernaum	15:1-20	7:1-23		6:22-71

¹Tanto McConkie quanto Taimage indicam que o Sermão da Montanha foi feito depois da chamada dos Doze (Vide Taimage, Jesus, o Cristo, p. 223) e também, McConkie, Doctrinal New Testament Comentary, volume I, The Gospels pp. 14-16, 213-15.

²No livro Jesus, o Cristo, de Taimage, a história do aprisionamento de João Batista até sua morte é considerada como um todo, fora da cronologia dos acontecimentos. (Vide Jesus, o Cristo, pp. 245-53.)

“Organizei os incidentes em uma ordem cronológica que parece, de maneira geral, representar o ponto de vista da maioria dos harmonistas consultados. Não se deve supor que representem necessariamente a verdadeira ordem cronológica dos acontecimentos que compuseram a vida do Salvador. Supõe-se que eles possam aproximar-se dessa ordem. É certo que alguns elaborariam uma ordem cronológica diferente da que é aqui usada.

“Mas, afinal, a ordem precisa de acontecimentos pode não ser muito importante. O que Jesus disse e fez, seu ensinamento e doutrinas é que realmente importam. (Our Lord of the Gospels p. VI).

QUARTO PERÍODO: GRANDE MINISTÉRIO DA GALILÉIA (continuação) C. Do Afastamento para o Norte da Galiléia até o Encerramento do Ministério Galileu

Lições da Escola Dominical 24 e 25

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
Viagem para as regiões setentrionais		15:21	7:24		7:1
Cura a filha da mulher grega	Região de Tiro e Sidon	15:22-28	7:25-30		
Volta ao Mar da Galiléia	Mar da Galiléia	15:29	7:31		
Cura o homem surdo	Decápolis		7:32-37		
Alimenta os quatro mil	Decápolis	15:29-38	8:1-9		
Jesus vai para Magdala (Mar da Galiléia)	Magdala	15:39	8:10		
Discursos a respeito de sinais	Capernaum	16:1-2	8:11-21		
Cura o cego	Betsaida		8:22-26		
O testemunho de Pedro sobre o Cristo	Região de Cesaréia de Filipo	16:13-20	8:27-30	9:18-22	
Ensina os discípulos a respeito da morte e da ressurreição	Região de Cesaréia de Filipo	16:21-28	8:31-38	9:23-27	
A transfiguração — confere as chaves do Sacerdócio	Monte da Transfiguração ¹	17:1-13	9:2-13	9:28-36	
Cura um endemoniado		17:14-21	9:14-29	9:37-43	
Jesus viaja novamente pela Galiléia	Galiléia	17:22-23	9:30-32	9:43-45	
Jesus inquirido sobre o dinheiro do tributo	Capernaum	17-24-27			
Discurso sobre mansidão e humildade	Capernaum	18:1-14	9:33-37	9:46-48	
Discurso sobre o perdão e o poder selador	Capernaum	18:15-35			
Responsabilidade daqueles que agem por Cristo	Capernaum		9:38-42	9:49-50	

¹Este período é combinado em três partes, A, B e C no curso da Escola Dominical.
²Jesus, o Cristo, p. 500, nota h.
³Jesus, o Cristo, p. 504, nota 5.



Discurso sobre sacrifício ² Envia os setenta Encorajado a ir à Judéia — rejeitado pelos seus Jesus inicia sua viagem para Jerusalém	Capernaum Capernaum Galiléia Galiléia			9:57-62 10:1-16 7:2-9 9:51-56	7:10
---	--	--	--	--	------

¹Monte Hermom ou Monte de Tabor.

²Jesus, o Cristo, p. 297, nota d.

QUINTO PERÍODO: FINAL DO MINISTÉRIO NA JUDÉIA

Lições da Escola Dominical 26, 27, 28

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
Pregação na Festa dos Tabernáculos	Jerusalém				7:11-53
Mulher apanhada em adultério	Jerusalém				8:1-11
A luz do mundo e o discurso sobre a unidade	Jerusalém				8:12-30
Discurso aos judeus a respeito de seus pecados	Jerusalém				8:31-59
Voltam os setenta ¹	Judéia			10:17-24	
Dois grandes mandamentos — parábola do bom samaritano	Judéia			10:25-37	
Jesus visita Maria e Marta	Betânia			10:38-42	
Instruções sobre oração aos discípulos	Judéia			11:1-13	
Expulsão do espírito mudo — acusado				11:14-36	
Discurso sobre a pureza				11:37-54	
Jesus ensina a multidão — parábola do rico insensato	Judéia			12:1-59	
A mortandade dos galileus, parábola da figueira	Judéia			13:1-9	
Jesus cura o cego de nascença ²	Jerusalém				9:1-41
Parábola do bom pastor	Jerusalém				10:1-21
Festa da Dedicção — Jesus declara-se o Messias	Jerusalém				10:22-39

¹Talmage indica como acontecimento posterior, mas dá como desconhecida a época exata. (Jesus, o Cristo, pág. 413.)

²Este acontecimento é apresentado mais cedo na cronologia de acontecimentos de Talmage. (Jesus, o Cristo, pág. 398, nota i do rodapé.)

SEXTO PERÍODO: PERÍODO DA PERÉIA

Lições da Escola Dominical 29, 30, 31

OBSERVAÇÃO: Jesus retirou-se para a província de Peréia, uma área de terra além do Jordão, depois de quase perder a vida na Festa da Dedicção. Ali ele pregou por aproximadamente três meses, convertendo muitos. Quando João Batista começou seu ministério, esta foi a primeira área em que trabalhou.

Acontecimento	Lugar	Mateus	Marcos	Lucas	João
Jesus vai para além do Jordão	Peréia				10:39-42
Cura de mulher no Sábado ¹	Peréia			13:10-17	
Parábola da semente de mostarda ¹	Peréia			13:18-21	
Início da viagem para Jerusalém ¹	Peréia			13:22-30	
Advertência sobre Herodes Antipa ¹	Peréia			13:31-35	
Aviso de que Lázaro está doente	Peréia				11:1-16
Cura de um hidrópico no Sábado ¹	Peréia			14:1-24	
Discurso sobre sacrifício ¹	Peréia			14:25-35	
Parábolas: ¹	Peréia			15:1-2	
A ovelha perdida				15:3-7	
A moeda perdida				15:8-10	
A volta do filho pródigo				15:11-32	
O mordomo infiel				16:1-13	
Discurso sobre a avareza ¹	Peréia			16:14-18	



Cidade de Caná, local onde a água foi transformada em vinho.

Parábola do rico e Lázaro ¹	Peréia			16:19-31	
Discurso sobre os escândalos e a fé ¹	Peréia			17:1-10	11:17-46
Lázaro volta à vida	Betânia				11:47-53
Conspiração contra Jesus	Jerusalém				11:54
Viagem à cidade de Efraim	Efraim				
Viagem continua — Jesus cura a dez leprosos ¹				17:11-19	
Discurso sobre o Reino de Deus	Samaria			17:20-37	
Parábolas:	Galiléia				
A viúva importuna ²				18:1-8	
O fariseu e o publicano ¹				18:9-14	
Atravessa o Jordão para a Peréia		9:1-2	10:1		
Os fariseus tentam a Jesus ¹	Peréia	19:3-12	10:2-12		
Abençoa as criancinhas ¹	Peréia	19:13-15	10:13-16	18:15-17	
O mancebo rico pergunta a respeito da vida eterna ¹					
Parábola dos trabalhadores na vinha	Peréia	19:16-30	10:17-31	18:18-30	
Vai adiante dos Doze para Jerusalém	Peréia	20:1-16			
Ambições de João e Tiago	Peréia	20:17-19	10:32-34	18:31-34	
Cura do cego Bartimeu (perto de Jericó)	Peréia	20:20-28	10:35-45		
Jesus fica com Zaqueu, o publicano		20:29-34	10:46-52	18:35-43	
Parábola das dez minas	Jericó			19:1-10	
Continua em direção a Jerusalém	Jericó			19:11-27	
Muitos o procuram				19:28	
	Jerusalém				11:55-57

¹Talmage discute esses acontecimentos em uma sequência de tempo anterior (Jesus, o Cristo págs. 428-66), mas sugere que poderiam ter ocorrido em um tempo posterior (pág. 473).

²Esta parábola é tratada antes por Talmage apenas para ilustrar um ensinamento doutrinário do Mestre. Ele sugere que ela foi dada mais tarde como demonstrado na harmonia aqui apresentada. (Jesus, o Cristo págs. 420-21.)

SÉTIMO PERÍODO: A SEMANA DO SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO

Lições da Escola Dominical 32-44¹

OBSERVAÇÃO: Os acontecimentos ocorridos durante a última semana da vida de Jesus Cristo sucederam-se dentro dos muros da cidade ou na vizinhança próxima de Jerusalém.

Acontecimento	Mateus	Marcos	Lucas	João
Jesus vem para a Betânia				12:1, 9-11
PRIMEIRO DIA DA SEMANA (DOMINGO)				
Entra em Jerusalém procedente de Betânia	12:1-11	11:1-11	19:29-44	12:12-19
Volta para Betânia		11:11		
SEGUNDO DIA DA SEMANA (SEGUNDA-FEIRA)				
Maldição da figueira estéril	21:18-19	11:12-14		
Segunda purificação do templo	21:12-13	11:15-18	19:45-48	
Volta para Betânia	21:17	11:19	21:37	
TERCEIRO DIA DA SEMANA (TERÇA-FEIRA)				
Discurso sobre a fé	21:19-22	11:20-26	21:38	
A questão da autoridade	21:23-27	11:27-33	20:1-8	
Parábola dos dois filhos	21:28-32			
Parábola dos lavradores maus	21:33-45	12:1-12	20:9-18	
Parábola do filho do rei	22:1-14			
Questão relativa ao tributo a César	22:15-22	12:13-17	20:19-26	

Betânia, ambiente de Maria e Marta.



Nazaré, sua própria terra.



Cidade de Caná, local onde a água
foi transformada em vinho.

Volume 1: Os Evangelhos, pp.
Jesus, o Cristo, pp. 577-79.
³Jesus, o Cristo, p. 598, nota 2.
⁴Jesus, o Cristo, p. 598, nota 4.

A questão dos saduceus referente ao casamento depois da ressurreição Perguntas do doutor da lei a respeito do grande mandamento Jesus pergunta aos fariseus a respeito de Cristo	22:23-33 22:34-40 22:41-46	12:18-27 12:28-34 12:35-37	20:27-40 20:41-44	
Condena os escribas e fariseus Lamentação de Jesus sobre Jerusalém A oferta da viúva Procurado pelos gregos, voz dos céus ² Cristo declara o propósito da missão Discurso sobre a Segunda Vinda Parábola das dez virgens Parábola dos talentos Julgamento final — ovelhas e bodes Prediz a traição Conspiração para prender Jesus Ceia de Simão; Maria unge a Jesus ¹ Judas faz o pacto da traição (Vide notas da pág.)	23:1-36 23:37-39 24:1-51 25:1-13 25:14-30 25:31-46 26:1-2 26:3-5 26:6-13 26:14-16	12:38-40 12:41-44 13:1-37 14:1-2 14:3-9 14:10-11	20:45-47 21:1-4 21:5-36 22:1-2 22:3-6	12:20-36 12:37-50 12:2-8
QUARTO DIA DA SEMANA (QUARTA-FEIRA) Betânia				
QUINTO DIA DA SEMANA (QUINTA-FEIRA) Discípulos preparam a refeição da Páscoa Assentos e disputa quanto à precedência O lava-pés ¹ Refeição da Páscoa — Sacramento ² Indicação do traidor Judas deixa o cenáculo ³ Jesus prediz sua morte Pedro declara lealdade ⁴ Discurso a respeito do Consolador ⁴ Cantam o hino, ida para o Monte das Oliveiras ⁴ Ensina o relacionamento com seu Pai nos céus ⁴ Explica outra vez sua morte iminente ⁴ Grande oração ⁴ Pedro nega Cristo três vezes. discípulos declaram lealdade ⁴ Oração de Cristo no jardim Traição Prisão	26:17-19 26:20 26:26-29 26:21-25 26:30 26:31-35 26:36-46 26:47-50 26:51-56	14:12-16 14:17 14:22-25 14:18-21 14:26 14:27-31 14:32-42 14:43-45 14:46-52	22:7-13 22:14, 24-30 22:15-20 22:21-23 22:31-38 22:39 22:40-46 22:47-48 22:49-53	13:1-20 13:21-26 13:27-30 13:31-35 13:36-38 14:1-31 15:1-27 16:1-33 17:1-26 18:1-2 18:3-9 18:10-12
SEXTO DIA DA SEMANA (SEXTA-FEIRA) Jesus perante Anás Enviado a Caifás — interrogatório, maus tratos, negação de Pedro Julgamento formal e condenação diante dos judeus Morte de Judas Iscariotes Novamente perante Pilatos Perante Herodes Novamente diante de Pilatos (Barrabás é solto) Crucificação — inscrição sobre a cruz Primeira declaração quando na cruz	26:57-75 27:1-2 27:3-10 27:11-14 27:15-30 27:31-34 37-38	14:53-72 15:1 15:2-5 15:6-19 15:20-23 25-28	22:54-65 22:66-71, 23:1 23:2-5 23:6-12 23:13-25 23:26-33; 38	18:13-14, 19-23 18:24-27 15-18 18:28-38 18:39-40; 19:1-16 19:16-33



Uma Cronologia da Vida de Cristo

Quando Cristo nasceu em Belém da Judéia, a Palestina era parte do Império Romano. De acordo com as práticas dos romanos, era permitido aos líderes locais conservarem seus títulos desde que mantivessem a paz e prestassem obediência a Roma.

Antipater (ou Antipas), filho do rei da Iduméia, havia abraçado o judaísmo, embora não fosse israelita. Tendo conseguido os favores de Roma foi nomeado governador da Judéia por Júlio César, em 47 A. C. Imediatamente dividiu seu poder entre seus quatro filhos, e Herodes recebeu a Galiléia.

Perto do ano 40 A.C. Herodes havia demonstrado sua habilidade em abafar as revoltas, e o Senado Romano tornou-o rei da Judéia. O reinado de Herodes I (ou Herodes, o Grande) foi marcado por derramamento de sangue e governo

rigoroso. Em 37 A.C., ele estabeleceu firmemente a dinastia herodiana em Jerusalém, assassinando todos os membros do sinédrio judeu, com exceção de dois. Condenava à morte qualquer um que se lhe opusesse, inclusive uma de suas dez esposas e alguns de seus filhos. Sua sede de sangue é lembrada pelos cristãos por causa do Massacre dos Inocentes, quando, tentando matar o Messias, ordenou a morte de todas as crianças abaixo de dois anos de idade, nas circunvizinhanças de Belém.

Com a morte de Herodes, o Grande, seu reino foi dividido entre três de seus filhos; foram rebaixados de reis para governadores por ordem de Roma.

Arquelau recebeu a Judéia, incluindo Samaria e Iduméia — a porção prêmio. Era um soberano cruel, tão temido que depois de Maria e José terem voltado da fuga para o Egito não retornaram a Belém mas estabeleceram-se em Nazaré. Pelo ano de 6 A. D., Arquelau foi deposto por Roma e exilado. A Judéia passou então para o governo direto de um romano, sendo Pôncio Pilatos o governador na época da crucificação de Cristo.

Herodes Filipe, outro filho de Herodes, o Grande, recebeu a

Ituréia, Traconites, Batanéia, Gaulanites e Auranites. Seu reinado, até 34 A. D., foi pacífico e justo.

(Ele não era o marido de Herodias. Aquele Filipe, outro filho de Herodes, o Grande, havia sido deserdado devido à traição de sua mãe.)

Herodes Antipas, também filho de Herodes, o Grande, foi feito legislador da Galiléia e Peréia, as quais governou até ser exilado por Roma, em 38 A. D. Por ter Jesus passado a maior parte de sua vida e ministério na área da Galiléia, Herodes Antipas é o governador mais mencionado na história do Novo Testamento. Constando ter sido chamado de “raposa”, por Jesus, Antipas governou em sagaz e íntima aliança com Roma. Foi censurado por João Batista devido a seu casamento incestuoso com a esposa do irmão, Herodias. Ela conseguiu que João fosse decapitado. Amigo íntimo do imperador romano Tibério, deixou de ter essas regalias com Calígula e foi banido.

Talvez um estudo dos seguintes gráficos e mapas que tratam de Cristo e do mundo em que viveu nos forneçam uma compreensão melhor do Salvador.

PERADORES (CÉSARES)
O IMPÉRIO ROMANO

GOVERNADORES
DAS PROVÍNCIAS DA
PALESTINA

A VIDA DE
JESUS CRISTO

Períodos da vida de
Cristo registrados
nas Escrituras

Com exceção de
alguns
acontecimentos
mencionados nos
primeiros anos e
na juventude de
Jesus, pouco é
conhecido a respeito
de sua vida
até depois de seu
batismo na idade
de 30 anos.

O MINISTÉRIO
DE NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO

AUGUSTO (27 A.C. - 14 A.D.)		TIBÉRIO (14 - 37 A.D.)		
HERODES, O GRANDE (37 A.C. - 4 A.C.) (GOVERNOU TODA PALESTINA)	HERODES ANTIPAS (FILHO DE HERODES, O GRANDE) (4 A.C. - 38 A.D.) GALILÉIA, PERÉIA			
	HERODES FILIPE (FILHO DE HERODES, O GRANDE) (4 A.C. - 34 A.D.) ITURÉIA, TRACONITES, BATANÉIA, SAULANITES, AURANITES			
	DEPOIS DE ARQUELAU, GOVERNADORES ROMANOS LEGISLARAM NA JUDEIA (INCLUSIVE SAMARIA E IDUMÉIA)			
	ARQUELAU (FILHO DE HERODES, O GRANDE) (4 A.C. - 6 A.D.)	COPÔNIO (7 - 8 A.D.)	MARCOS AMBÍVIO (9 - 12 A.D.)	ANNIUS RUFO (13 - 14 A.D.)
			VALÉRIO GRATO (15 - 25 A.D.)	PÔNCIO PILATOS (26 - 36 A.D.)
Anunciação, nascimento e infância		12.º ano do Senhor		

31.º ANO DO SENHOR		32.º ANO DO SENHOR		33.º ANO DO SENHOR		34.º ANO DO SENHOR		
(Dez.)		Páscoa (Abril)		Páscoa (Abril)		(Out.)		
		(Verão)				(Dez.)		
						Páscoa (Abril)		
BATISMO E TENTAÇÃO		GRANDE MINISTÉRIO GALILEU						FIM DO MINISTÉRIO JUDEU
INICIO DO MINISTÉRIO JUDEU		A		B		C		PERÍODO DA PEREIA
								A SEMANA DO SACRIFICIO EXPIATÓRIO



Élder Bernard P. Brockbank

Devido ao seu rápido crescimento em número de membros, a Igreja dividiu, recentemente, suas responsabilidades supervisoras mundiais em seis áreas geográficas. Designou também uma Autoridade Geral para residir em cada uma das seis áreas. O Élder Bernard P. Brockbank, Assistente dos Doze, é o Supervisor da Área que compreende a Grã-Bretanha, Europa Ocidental e Sul da África. Ele dirige as atividades dos membros e missionários em 20 estacas, 16 missões e 41 distritos nas Ilhas Britânicas, Países Baixos, Bélgica, França, Suíça, Alemanha, Espanha, Portugal e África do Sul. Conforme a Igreja cresce, torna-se necessário o desenvolvimento de nova liderança. Élder Brockbank ajudará no treinamento de líderes locais da Igreja.

Antes dessa nova designação, Élder Brockbank era Presidente da Missão Internacional, uma missão organizada com sede em Lago Salgado, para manter contato com os 1.400 membros da Igreja que vivem fora dos limites das missões regulares e das estacas organizadas.

Foi diretor administrativo dos Pavilhões Mórmons na Feira Mundial de Nova Iorque, Hemisfair 68 em San Antonio, Texas, na Expo '70 em Osaka, Japão, e ajudou na preparação do Pavilhão do Livro de Mórmon na Expo '74 em Spokane, Washington.

O espírito da obra missionária é evidente na vida e personalidade do Élder Bernard P. Brockbank. A maior parte de sua vida tem sido dedicada à difusão do Evangelho. Quando ele fala, é com entusiasmo e convicção de alguém que ama o trabalho do Senhor e quer partilhá-lo com seu próximo.

Presidiu a três missões na Grã-Bretanha. Em 1960, tornou-se presidente da Missão Britânica-Norte. Quando esta foi dividida, em dezembro de 1960, tornou-se presidente da nova Missão Escócia-Irlanda e, 18 meses depois, da nova Missão Escocesa. Durante essa época, viu mais do que oito mil pessoas se unirem à Igreja em suas áreas missionárias. Ainda estava servindo como presidente de missão em outubro de 1962, quando foi chamado como Assistente do Conselho dos Doze.

Élder Brockbank nasceu a 24 de maio de 1909, em Holladay, Utah. Casou-se, em 1 de novembro de 1935, com Nada Rich e tornaram-se pais de cinco filhos e uma filha. A Irmã Brockbank faleceu em 1 de agosto de 1967. Ele casou-se com Frances Rivero, em 1968.

Como rapaz, Élder Brockbank teve a felicidade de crescer em um ambiente de amor. Era um útil companheiro para suas irmãs. Fazia-lhes muitos brinquedos criativos. Apanhava frutas, ajudava seu pai, trabalhava com os animais da fazenda, saía freqüentemente em excursões familiares e reunia-se em adoração familiar. Todos da família recebiam responsabilidades relativas à casa, mas "Bernard sempre fazia sua parte mais depressa e melhor do que os outros", disse sua irmã Winona. Ela acrescenta: "Bernard sempre estava ou ocupado ou dormindo", o que tem sido característica de seus hábitos de trabalho durante toda a vida. Sua mãe recorda: "Como criança, ele era

sempre alegre, obediente e responsável."

O desejo de Élder Brockbank de ser bem sucedido em todas as responsabilidades que recebe é baseado na fé no Senhor. Ele acha que, se uma tarefa for digna, o Senhor fornecerá os meios para que ela tenha sucesso.

Serviu em muitas posições de responsabilidade na Igreja, incluindo as de bispo, sumo-conselheiro da estaca e presidente da estaca. Foi também oficial e professor nas organizações para jovens da Igreja. Serviu como missionário na Grã-Bretanha durante dois anos.



Élder James E. Faust

Devido ao seu rápido crescimento em número de membros, a Igreja dividiu, recentemente, suas responsabilidades supervisoras mundiais em seis áreas geográficas. Designou também uma Autoridade Geral para residir em cada uma das seis áreas. O Élder James E. Faust, Assistente dos Doze, é o Supervisor da Área da América do Sul. Ele dirige as atividades dos membros e missionários em 21 estacas, 17 missões e 59 distritos na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Conforme a Igreja cresce, torna-se necessário o desenvolvimento de nova liderança. Élder Faust ajudará no treinamento de líderes locais da Igreja.

James E. Faust: Homem de Fé

Por Jack E. Jarrard

James E. Faust, Assistente dos Doze, é descrito pelos colegas de profissão e da Igreja como um homem de fé, um líder compreensivo e bondoso e uma pessoa que nunca transigiu, por razão alguma.

Calm e modesto, Elder Faust é descrito como um "bom ouvinte", que dá toda atenção àquele com quem está falando.

"Ele pode selecionar o mérito das idéias de uma pessoa, a despeito do fato de que possa haver deficiências pessoais naquele indivíduo em particular", disse um colega. Acrescentou que Elder Faust é suficientemente humilde para modelar-se de acordo com o exemplo de outra pessoa, ou desejar progredir aplicando a idéia de outra pessoa, se esta idéia for boa.

Foi advogado durante 22 anos, antes de seu chamado para ser Assistente dos Doze.

Ele mesmo admite ser mais orientado pelas pessoas do que pelos programas.

"É esta a razão de ser da Igreja — ajudar as pessoas. Ajudá-las a encontrar-se a si mesmas, a seus objetivos e o seu caminho de volta ao seu Pai nos céus.

"Se as pessoas forem ensinadas da maneira correta, poderão enfrentar qualquer situação. É exatamente como disse o Profeta Joseph Smith: "Ensino-lhes princípios corretos, e eles governam-se a si mesmos".

"Esta é uma Igreja que cresce e, cada vez mais serão necessários líderes. Essas pessoas serão fortalecidas ao receberem responsabilidades", disse Elder Faust.

Acrescentou que gosta das pessoas e aprecia muito estar entre elas. Especialmente entre os jovens.

"Quando era presidente da estaca, compramos um lote de terra — aproximadamente 375 acres — com propósitos recreativos. Era para uso da estaca, e sabendo que seria usado principalmente pelos jovens, designamos cada jovem a que levantasse a quantia necessária para um acre desse terreno, e eles o levantaram", lembra-se Elder Faust.

Este amor aos jovens é demonstrado em sua vida familiar. As preferências recreativas de Elder Faust e sua es-

posa são orientadas para a família, estando entre elas esquiar e outros esportes.

Elder Faust rapidamente indicou que, além de uma esposa e mãe exemplar, a Sra. Faust tem também trabalhado ativamente na Igreja. No momento, ela é presidente da Sociedade de Socorro de sua estaca e serviu como presidente da Sociedade de Socorro da ala.

"A Igreja é nossa vida. Aceitamos sempre os chamados que recebemos, pois ambos sabemos que esta é a Igreja do Senhor", acrescentou Elder Faust.

Estava com apenas 17 anos, quando foi chamado para servir como superintendente da Escola Dominical de sua ala, e com 28, quando ordenado como o bispo da ala. Com 35 anos, foi chamado para servir como presidente da estaca.

"Acho que o fato de eu ter sempre sido ativo e servido em várias posições como um jovem, é uma das razões por que gosto de envolver os jovens no trabalho.

"Descobri que, se uma posição for dada aos jovens, eles a desempenharão. Se eles estiverem envolvidos e funcionando, ser-lhes-á fácil resistir às muitas tentações deste mundo", disse Elder Faust.

"Minha família sempre foi dedicada e religiosa, servindo a Igreja em muitas posições. Minha mãe é, como sempre tem sido, uma mulher devotada que ama ao Senhor e à sua Igreja", explicou Elder Faust.

Elder Faust é um grande crente na premissa de que para uma pessoa ser um bom santo dos últimos dias, tem que sê-lo sete dias por semana, não apenas aos domingos.

"Só para ilustrar: Aprendi, há alguns anos, uma boa lição, quando era um bispo. Aprendi como precisamos deixar que este sentimento de amor ao Mestre e ao Evangelho entre em nossa vida profissional.

"Eu havia recebido uma designação em meu escritório e havia terminado alguns processos. Trabalhava no caso com um advogado do Texas. A firma recebeu um cheque e eu o endossei, enviando-o ao advogado do Texas para que ele endossasse, recebesse

e nos mandasse nossa parte do dinheiro.

"O dinheiro não chegou, e quase fiquei com vontade de denunciar o homem à Associação dos Advogados do Texas. Então, pensei: "Belo bispo você é. Ore com relação ao assunto. Apresente-o ao Senhor, e depois tome providências."

"Alguns dias depois, recebi uma carta por via aérea desse homem, com um cheque e uma explicação. Ele havia estado seriamente doente e hospitalizado, não tendo tido tempo para fazer nada quanto ao dinheiro, até que o mandou pelo correio. Se eu houvesse prosseguido e feito o que desejara fazer inicialmente, poderia ter causado algum problema a este homem", disse Elder Faust.

Sua habilidade de previsão é também demonstrada em uma providência que tomou, quando era presidente da Estaca de Cottonwood, em 1956.

Naquela ocasião, Elder Faust, como presidente da estaca, comprou 10 terrenos para capelas dentro da área da estaca, sabendo que a Igreja cresceria. Desde aquela época, foram construídas a maioria das capelas, e existem, na área, quatro estacas.

O trabalho da Igreja é o seu grande amor.

"Cada um de meus chamados tem sido diferente. Creio que aqueles que recebi para trabalhar com o Sacerdócio Aarônico-Jovens foram os mais agradáveis.

"Há problemas diferentes em cada um dos chamados. E cada um deles faz com que a pessoa se desenvolva. Apreciei cada um dos chamados que já recebi, e sei que minha esposa se sente da mesma forma. Temos apreciado cada minuto destes quatro anos em que fui Representante Regional dos Doze", disse ele.

Em seu atual chamado como Assistente dos Doze, disse Elder Faust: "Não posso deixar de refletir seguidamente a respeito desse chamado, e de perguntar: 'Por que eu?' Conheço muitos homens de grande fé e capacidade que poderiam servir neste cargo, e ainda pergunto: 'Por que eu?'"

"Não me sinto simplesmente humilde, sinto-me amedrontado. Necessita-

rei de ajuda, especialmente do Senhor, ou não terei capacidade.”

“Tenho uma grande família e uma boa esposa que me apoiará nesta parte do meu trabalho. Da mesma forma como sempre me sustentaram e apoiaram em meu trabalho”, disse ele.

Elder Faust nasceu em Delta, Utah, em 31 de julho de 1920, filho de George A. e Amy Finlinson Faust. Seu pai era um dos mais respeitados juristas em Utah e serviu como juiz distrital durante muitos anos.

Elder Faust formou-se em advocacia na Universidade de Utah e também se destacou ali como corretor.

Serviu como missionário no Brasil

de 1939 a 1942 e, ao voltar da missão, ingressou na Força Aérea.

Esteve na Escola de Candidatos a Oficiais em Miami Beach, Flórida, onde recebeu sua promoção como segundo tenente, freqüentando, então, a Escola de Inteligência Aérea em Harrisburg, Pennsylvania e a Escola de Táticas Aplicadas em Orlando, Flórida.

Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como oficial da inteligência, com seu conhecimento tanto do português como do alemão ajudando-o consideravelmente.

Casou-se com Ruth Wright, da Cidade do Lago Salgado, em 21 de abril

de 1943, no Templo do Lago Salgado. O casal tem cinco filhos — três rapazes e duas moças, e uma neta que tem sete meses de idade.

“Quando terminou a guerra, tínhamos este lote de terreno e construímos a casa em que moramos agora”, disse Elder Faust. Ele morou na área de Cottonwood do Condado do Lago Salgado a maior parte de sua vida.

Pouco depois de formar-se em direito pela Universidade de Utah, em 1948, Elder Faust candidatou-se, e foi eleito, deputado estadual por Utah.

Tem sido ativo em sua profissão, procurando sempre servir bem e aperfeiçoá-la.

Centro Editorial Brasileiro

Inaugura Nova Loja

Para que possa haver um melhor atendimento ao público e em particular aos membros da Igreja, o Centro Editorial Brasileiro, no dia 23 de agosto inaugurou sua nova loja.

Na loja, em sua nova instalação funcionando sob sistema self-service, os membros encontrarão todo material que necessitam, incluindo as mais recentes obras de leitura devocional.

Nesta ocasião houve o lançamento do livro escrito pelo Presidente Joseph F. Smith (6.º Presidente da Igreja) denominado “Doutrina do Evangelho”.

Esta loja permanecerá aberta de segunda a sexta-feira, ininterruptamente, das 8:00 às 17:00 horas e aos sábados, no horário das 8:00 às 12:00 horas.

O Centro Editorial Brasileiro está em funcionamento há oito anos, sempre procurando fazer o melhor e atendendo da maneira mais adequada e rápida às inúmeras solicitações.

Todos, funcionários e diretores sentem-se honrados por poderem melhor servir ao público e em particular aos membros da Igreja.





Elder Milton Reed Hunter

O Élder Milton Red Hunter, membro do Primeiro Conselho dos Setenta durante 30 anos, morreu de insuficiência cardíaca e renal a 25 de junho de 1975, em Salt Lake City com a idade de 72 anos. Ele já andava com a saúde precária nos últimos anos.

Antes de seu chamado para ser uma Autoridade Geral da Igreja em 1945, o Élder Hunter havia lecionado em escolas em Utah, Nevada e Wyoming durante 17 anos. Foi um escritor prolífico, tendo sido autor de 23 livros, principalmente sobre assuntos religiosos e históricos e de inúmeros artigos, revistas e jornais. Entre os seus trabalhos mais conhecidos, está "The Gospel Thru the Ages", que as Autoridades Gerais lhe pediram que escrevesse. Esse livro foi o manual do Sacerdócio de Melquisedeque para 1946, onde é revista a história do Evangelho desde o tempo em que foi ensinado a Adão e Eva até o presente.

Embora sua responsabilidade primeira tenha sido na área do trabalho missionário, os últimos anos

do Élder Hunter foram dedicados ao Livro de Mórmon. Ele tirou muitas fotografias de descobertas arqueológicas e tinha uma importante coleção particular de objetos de arte do México, da América Central e do Sul. Élder Hunter doou sua coleção de fotografias e objetos de artesanato à Igreja, esperando que sua contribuição possa ajudar outras pessoas a conhecerem a evidência histórica e arqueológica da veracidade do Livro de Mórmon.

Élder Hunter, o oitavo de onze filhos e filhas, nasceu de John Edward e Margaret Teeples Hunter, em Holden, Utah, em 25 de outubro de 1902. Frequentou escolas públicas em sua cidade natal, depois matriculou-se no Colégio Brigham Young em Provo, e mais tarde na Universidade de Brigham Young, onde recebeu o grau de bacharel em 1929 e o de mestrado em 1931. Foi para a Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde recebeu o seu grau de doutor em Filosofia, em 1935. Casou-se com Ferne Gardner, de Léhi, Utah, em 30 de julho de 1931, no Templo de Logan. No funeral do Élder Hunter, o Presidente Spencer W. Kimball afirmou: Seu Centro da vida foi sua companheira e adjutora, Ferne, e seus seis maravilhosos filhos.

Ele teve de escolher entre servir à Igreja e servir ao mundo, o que lhe poderia ter trazido fama e fortuna. O chefe do departamento de História de uma universidade de prestígio ofereceu-lhe um emprego como professor, mas o Élder Hunter escolheu, ao invés disso, lecionar no Instituto SUD, em Logan, Utah. Depois de ouvir a recusa do Élder Hunter, o chefe do departamento de História disse:

Hunter, não deixarei que você jogue fora sua carreira num pequeno seminário Mórmon em Utah. Você tem predicações para ser um dos grandes historiadores da América. Não empenhei esses anos passados para que você desperdice esse treinamento em vão. Se você mudar de idéia, nós lhe garantimos um lugar adequado onde as

expectativas, e o treinamento que você recebeu, possam realizar-se.

Mas o Élder Hunter dedicou-se à Igreja e foi enquanto lecionava no Instituto SUD de Logan que foi chamado como Autoridade Geral, em abril de 1945.

Enquanto a família morava em Logan, o Élder e a Irmã Hunter construíram sua própria casa, mostrando o talento de Élder Hunter para o trabalho pesado e o uso de ferramentas. Um artigo na **Improvement Era** conta sobre esses anos:

"Em Logan, a família mora numa casa que eles próprios construíram. O Irmão Hunter foi seu próprio empreiteiro, mestre de obras e carpinteiro-chefe. Eu sempre me maravilhei como um tranqüilo casal podia criar seus filhos, passar as noites de quinta, sexta e sábado no instituto, fazer mais trabalho regular da Igreja na Ala Nove de Logan e na Estaca Cache do que as pessoas com horas de trabalho regulares, e ainda produzir e publicar livros escolares.

No seu funeral, realizado em 30 de junho de 1975, na Sala de Assembléia, na Praça do Templo, o Élder S. Dilworth Young encerrou suas observações com um testemunho conjunto, por ele próprio e pelo Élder Hunter: "Durante trinta anos, fomos irmãos, Élder Hunter e eu, no Primeiro Conselho dos Setenta. Embora eu saiba que Deus é nosso Pai, ele o sabia melhor que eu. Embora eu soubesse que o Senhor Jesus Cristo é meu Redentor, ainda ele o sabia — eu acredito com maior intensidade. Ele foi inteiramente fiel aos profetas sob os quais serviu. E sabia e prestava testemunho... de que o Presidente Kimball é um profeta do Senhor".

A perda do Élder Hunter, autor, professor, erudito e missionário, foi intensamente sentida pelos seus colegas entre as Autoridades Gerais, assim como na Igreja e no campo da educação. Ele deixa um grande acervo de trabalhos e artigos valiosos, mas, o que é mais importante, deixa também o seu testemunho da veracidade do Evangelho.

